



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**ADRIANA MELO DE FARIAS**

**O COTIDIANO DAS INTERAÇÕES HUMANO-LIXO NO  
ASSENTAMENTO “BOA ESPERANÇA-LAGOA DA MANGA” EM  
ARACATIAÇU, SOBRAL-CEARÁ.**

**FORTALEZA-CEARÁ  
AGOSTO de 2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA  
MESTRADO**

**ADRIANA MELO DE FARIAS**

**TÍTULO**

**O COTIDIANO DAS INTERAÇÕES HUMANO-LIXO NO  
ASSENTAMENTO “BOA ESPERANÇA/ LAGOA DA MANGA” EM  
ARACATIAUÇU, SOBRAL-CEARÁ**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação Brasileira da  
Universidade Federal do Ceará (UFC) como  
requisito para a obtenção do título de Mestre, em  
Educação Brasileira.**

**Orientador:** Prof. Dr. João Batista de Albuquerque  
Figueiredo.

**FORTALEZA-CEARÁ  
2010**

*"Lecturis salutem"*

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

F238c

Farias, Adriana Melo de.

O cotidiano das interações humano-lixo no assentamento "Boa Esperança/ Lagoa da Manga" em Aracatiaçu, Sobral-Ceará / por Adriana Melo de Farias. – 2010.

91f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza(CE), 12/08/2010.

Orientação: Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo.

Inclui bibliografia.

1-ASSENTAMENTOS HUMANOS – ARACATIAÇU(SOBRAL,CE).2-LIXO – ELIMINAÇÃO – ASPECTOS SOCIAIS – ARACATIAÇU(SOBRAL,CE). 3-REAPROVEITAMENTO(SOBRAS,REFUGOS,ETC.) – ASPECTOS SOCIAIS – ARACATIAÇU(SOBRAL,CE).4-TRABALHADORES RURAIS – ARACATIAÇU (SOBRAL,CE) – CONDIÇÕES SOCIAIS.5-ARACATIAÇU (SOBRAL,CE) – USOS E COSTUMES.I-Figueiredo,João Batista de Albuquerque,orientador.II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira.III-Título.

CDD(22ª ed.) 305.963098131

78/10

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ADRIANA MELO DE FARIAS**

**O COTIDIANO DAS INTERAÇÕES HUMANO-LIXO NO ASSENTAMENTO “BOA ESPERANÇA-LAGOA DA MANGA” EM ARACATIAÇU, SOBRAL-CEARÁ**

**Dissertação aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), pela Comissão Julgadora abaixo identificada.**

**Fortaleza, 12 de agosto de 2010.**

---

**Presidente: Prof. Dr. João Batista A. Figueiredo**

---

**Membro UECE: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Maria B. de Almeida**

---

**Membro UFC: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kelma Socorro L. de Matos**

Aos amigos assentados que através de suas histórias de vida  
contribuíram para a constituição e consolidação deste  
trabalho dissertativo.

## **Agradecimentos**

Meus primeiros agradecimentos são dirigidos a Deus e a meu pai (in memoriam), pela força espiritual no enfrentamento de mais um grande desafio acadêmico;

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), pela oportunidade ofertada de vivenciar, enquanto mestranda, uma trajetória acadêmica gratificante de ensino e pesquisa;

À Fundação de Amparo à Pesquisa (FUNCAP), pelo apoio financeiro;

Ao Grupo de Estudos em Educação Ambiental Dialógica (GEAD) da Universidade Federal do Ceará (UFC), presto meus sinceros agradecimentos, principalmente, pelo apoio incondicional manifestado por todos os membros do grupo ao presente trabalho dissertativo;

Em especial, aos professores, João Batista de Albuquerque Figueiredo e Maria Elenir Henrique da Silva, respectivamente, orientador e co-orientadora, pelos momentos de orientação e de convívio afetivo pautados nos ensinamentos freireanos;

Aos amigos do assentamento Boa Esperança/Lagoa da Manga, pela acolhida e envolvimento na constituição e efetivação deste trabalho;

Aos familiares, pelo incentivo ao crescimento acadêmico e profissional em todos os momentos de minha vida;

Aos amigos e colaboradores, especialmente aos amigos Lídia Azevedo, Yzy Câmara, Magda Silony e Manoel Sampaio, pela acolhida festiva que me foi oferecida desde o início dos estudos no Mestrado;

E, por fim, ao meu querido e amado filho Arthur Farias de Alcântara, que neste momento comemora junto comigo a alegria de mais uma vitória.

*Eu nasci ouvindo os cantos  
Das aves de minha terra  
E vendo os lindos encantos  
Que a mata bonita encerra,  
Foi ali que eu fui crescendo,  
Fui lendo e fui aprendendo  
No livro da natureza  
Onde Deus é mais visível,  
O coração mais sensível  
E a vida tem mais pureza.  
(Patativa do Assaré)*

## RESUMO

### **O COTIDIANO DAS INTERAÇÕES HUMANO-“LIXO” NO ASSENTAMENTO BOA ESPERANÇA-LAGOA DA MANGA EM ARACATIAÇU, SOBRAL-CEARÁ.**

Nesta dissertação tive como objetivo principal desvelar o cotidiano das interações humano-“lixo” no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, com o intuito de compreender os aspectos históricos, afetivos, sócio-culturais e formativos que estão imbricados nas práticas cotidianas de cuidado que os assentados estabelecem com o espaço público e o “lixo”. Para isto, optei por uma pesquisa qualitativa, inspirada na etnografia, que, a partir da observação *in loco*, da escuta do “outro”, da descrição dos hábitos e costumes e, ao mesmo tempo, da interpretação dos múltiplos aspectos envolvidos nas práticas, de três marcadores do discurso do lugar, com o “lixo” doméstico, chegou-se a uma visão de que os assentados manifestam um sentimento intrínseco de amorosidade pelo lugar onde vive e pelas pessoas com as quais convivem, revelados através da valorização das lutas e conquistas históricas de seu povo, assim como do sentir-se pertencente e de “umbigo enterrado” a terra. Além disso, os marcadores consideram apenas a sujeira (fezes e restos de comida) como “lixo”, diferentemente da conceituação de “lixo” para o âmbito acadêmico. As fezes e restos de comida são reaproveitados, respectivamente, para adubo da terra e complementação alimentar dos animais domésticos. Esta é a matriz representacional sócio-cultural que organiza e influencia as práticas cotidianas dos assentados quanto ao próprio “lixo” produzido; inclusive, o “lixo” industrializado como os sacos, sacolas, papel, garrafas não servíveis no momento, ou são acondicionados na despensa, ou reutilizados nas atividades cotidianas do campo, o que demonstra um gerenciamento do “lixo” no próprio domicílio, sendo a mulher a gestora do mesmo e responsável pela limpeza dos espaços públicos, através da prática de varrição que é repassada de mães para filhas e se inicia no domicílio, vai ao terreiro e se estende aos espaços públicos, configurando-se como um espaço sócio-cultural-afetivo informal de ensino. No entanto, este espaço de ensino das tradições culturais de cuidado e limpeza ambiental frente ao “lixo” está sendo ameaçado, pois as mulheres estão se afastando paulatinamente das atividades de varrição, haja vista que o tempo disponível para esta prática está sendo reduzido e substituído pelo trabalho assalariado na cooperativa de castanha, recém instalada no assentamento. Sendo assim, faz-se necessário nesse momento um fazer pedagógico-ambiental que privilegie os saberes e as práticas históricas, sócio-culturais e formativas dos assentados frente ao “lixo”, pautados na afetividade pelo lugar com o intuito de mitigar os modos de vida subalternizantes que buscam tornar o homem do campo mero reprodutor de práticas colonializantes, típicas do sistema capitalista.

**Palavras-Chaves:** Interações humano-“lixo”, Colonialidade, Educação Ambiental.



## ABSTRACT

### **THE EVERYDAY INTERACTIONS OF HUMAN-“TRASH” IN THE SETTLEMENT BOA ESPERANÇA-LAGOA DA MANGA IN ARACATIAÇU, SOBRAL-CEARÁ.**

This dissertation had as main objective to reveal the daily life of human interactions “trash” in the settlement Boa Esperança - Lagoa da Manga, in order to understand the historical, emotional, social, cultural and training that are embedded in the daily practices of care that settlers lay with the public space and "trash." For this, we opted for a qualitative research, inspired by ethnography, that by observing the spot, listening to the "other", describing the habits and customs and at the same time, the interpretation of the multiple aspects involved in practices, three discourse markers of place, with the "trash" home. Came to a view that the settlers expressed a feeling of intrinsic loveliness by the place where he lives and the people with whom they live, as revealed through the enhancement of historic struggles and achievements of its people, as well as the feeling of belonging and “umbilicus buried” the land. Also, consider just dirt (feces and uneaten food) as "garbage”, unlike the concept of "junk" to the academic realm. The feces and food scraps are reused, respectively, for compost earth food supplementation and domestic animals. This is the representational matrix that organizes socio-cultural influences and the daily practices of the settlers as the actual "garbage" produced, even the "junk" such as sacks and bags, paper, bottles etc. not serve at the time, or are put in the pantry, or reused in daily activities of the field, which shows a management "junk" in your own home, the woman is the manager of it and responsible for the cleanliness of public spaces through the practice of sweeping that is passed from mothers to daughters and starts at home, going to the yard and extends to public spaces, becoming a space-socio-cultural affective informal education. However, this area of teaching cultural traditions of care and environmental cleanup against the "garbage" is being threatened because women are moving away gradually sweeping activities, considering that the time available for this practice is being reduced and replaced by employment in the cooperative brown, newly installed in the settlement. Therefore, it is necessary at this time a do-teaching environment that promotes the knowledge and practices historical, socio-cultural and training of the settlers against the "garbage" lined on affection for the place, in order to mitigate the lifestyles subalternizantes seeking to make the rural man a mere player colonializantes practices, typical of the capitalist system.

**Key Words:** Human interactions, "garbage", Colonialism, Environmental Education.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: O CAMINHO DA ESCOLHA .....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE 2-CAPÍTULO 1: O PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>15</b>
1.1 Tipo de pesquisa e escolha do campo empírico .....	15
1.2 Procedimentos Metodológicos .....	15
1.3 A escolha dos marcadores do discurso do lugar .....	17
1.4 Técnicas de coleta de dados .....	18
1.5 Conhecendo um pouco o Assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga.....	20
<b>PARTE 3- O COTIDIANO DAS INTERAÇÕES HUMANO-“LIXO” NO ASSENTAMENTO SE REVELA .....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO 2- ASSENTAMENTO BOA ESPERANÇA-LAGOA DA MANGA: HISTÓRIA DE LUTAS POR UM LUGAR-COMUNIDADE .....</b>	<b>27</b>
2.1 Acampamento “Groaíras”: Onde tudo começou? .....	28
2.2 “O despejo” .....	30
2.3 A chegada na fazenda EMASA .....	31
2.4 Os primeiros contatos entre os moradores: Encontros, Desencontros e Conquistas .....	37
2.5 E as interações humano-“lixo”, afinal? .....	43
<b>CAPÍTULO 3: ASSENTAMENTO BOA ESPERANÇA- LAGOA DA MANGA: LUGAR DE AFETOS .....</b>	<b>46</b>
<b>CAPÍTULO 4: ASSENTAMENTO BOA ESPERANÇA-LAGOA DA MANGA E O CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE GESTÃO DO “LIXO”.....</b>	<b>52</b>
4.1 A (in)existência de estatísticas oficiais do IBGE-Ce sobre a questão do “lixo” em áreas de assentamento.....	52
4.2 As delegações de ações sócio-ambientais do INCRA-Ce às ONG`s contratadas .....	53
4.3 As delegações das políticas de gestão do “lixo” da SEMACE aos municípios .....	55
<b>CAPÍTULO 5: AS INTERAÇÕES HUMANO-“LIXO” NO ASSENTAMENTO: DAS REPRESENTAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS AOS HÁBITOS, COSTUMES E PRÁTICAS FRENTE AO “LIXO”.....</b>	<b>57</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>86</b>

## LISTA DE FOTOS

FOTO 1- Parede do Açude Santarém na sede do Assentamento Boa Esperança.....	p.22
FOTO 2- Vista Panorâmica do Açude Santarém.....	p.22
FOTO 3- Tronco da Carnaúba como viga do telhado .....	p.25
FOTO 4- Placa indicativa da entrada do Assentamento Boa Esperança na CE 55.....	p. 34
FOTO 5- Mata-burro .....	p.34
FOTO 6- Casa mais antiga do assentamento às margens do sangradouro .....	p.35
FOTO 7- Tipo de casa erguida no assentamento com recurso do INCRA. ....	p.35
FOTO 8- Escola de ensino .....	p.36
FOTO 9- Jardim interno da escola .....	p.36
FOTO 10- Quintal produtivo.....	p.42
FOTO 11- Açude Santarém.....	p.42
FOTO 12- Despensa de uma residência .....	p.50
FOTO 13- Garrafas PETs com sementes .....	p.51
FOTO 14- Galinha pondo ovo na caixa de papelão .....	p.59
FOTO 15- Periquito na porta.....	p.59
FOTO 16- Garrafas PETs guardadas nos surrões.....	p.60
FOTO 17- Garrafa PETs utilizada como telha .....	p.60
FOTO 18- Disposição do “lixo” da comunidade de Campos Belo em Forquilha às margens da rodovia na CE 55.....	p.61
FOTO 19- Lixeira de uma residência.....	p.61
FOTO 20- Açude Santarém localizado na sede do Assentamento Esperança .....	p.61
FOTO 21- Sacos de plásticos no fogão a lenha.....	p.62
FOTO 22- Depósito de Latas no quintal .....	p.62
FOTO 23- Lixeiras dos domicílios.....	p.63
FOTO 24- Balde de plástico utilizado como jarro de plantas .....	p.63
FOTO 25- Frente de uma residência com bicicleta estacionada .....	p.65
FOTO 26- Cooperativa de Castanha .....	p.67
FOTO 27- Espaço Público na sede do assentamento .....	p.68
FOTO 28- Espaço Público na sede do assentamento .....	p.68
FOTO 29- Cisternas .....	p.72

## **LISTA DE SIGLAS**

ACACE - Associação das Cooperativas de Agricultores do Estado do Ceará

ACS- Agente Comunitário de Saúde

BANCESA - Banco do Ceará S. A.

ESF- Estratégia Saúde da Família

IBAMA- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - CE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Ceará

INCRA - Instituto Brasileiro de Colonização e Reforma Agrária

LIO- Licença de Instalação e Operação Ambiental

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ONG- Organização Não-Governamental

PDA- Plano de desenvolvimento do Assentamento

PDS- Plano de Desenvolvimento Social

PET - Politereftalato de etileno

PIBIC/CNPq/UNIFOR- Programa de Iniciação Científica do CNPq

PRONAF-A - Programa do Governo Federal de Investimento em Agricultura Familiar

SAAE- Serviço de Abastecimento de Água e Esgoto

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEMACE- Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Ceará.

## INTRODUÇÃO: O CAMINHO DA ESCOLHA

O interesse por investigar o cotidiano das interações humano-“lixo”<sup>1</sup> surgiu em 1995, quando, ainda estudante de Psicologia, participei, como bolsista de Iniciação Científica do Programa PIBIC-CNPq-UNIFOR, da pesquisa intitulada Lixo no Lixo: Estudo dos condicionantes da relação homem-“lixo” (CAVALCANTE,1998), na comunidade pesqueira e turística da Prainha-Aquiraz-Ceará.

Na época, esta vivência acadêmica foi, para mim, um divisor de águas tanto em termos de formação humana quanto intelectual. Credito este mérito à pesquisa do “lixo” por considerar que os dois anos de trabalho junto a esta pesquisa científica oportunizaram a mim mudanças significativas nas formas de Olhar, Escutar e Escrever sobre as pessoas e a sua realidade sócio-ambiental.

Ao olhar os principais problemas sócio-ambientais provocados pelo acelerado desenvolvimento das cidades, na atualidade, é evidente que a produção desenfreada do “lixo” se configura como um dos maiores problemas urbanos, sendo as formas inadequadas de acondicionamento, disposição e destino final as grandes metas de enfrentamento hoje da gestão integrada de resíduos sólidos<sup>2</sup> no país. (CAVALCANTE, 1998; KUHLEN,1995; DIAS, 2002)

Inúmeros são os estudos que abordam a questão do “lixo”, principalmente voltados para o âmbito da Engenharia Sanitária (acondicionamento, disposição e reaproveitamento), da Vigilância Sanitária (tratamento dos resíduos sólidos, lixo hospitalar, aterros sanitários) e da Educação Ambiental (avaliação de programas de Educação Ambiental e de gestão ambiental)<sup>3</sup>; mas poucos, ou quase nenhum, mostram a preocupação de conhecer os condicionantes sócio-culturais das interações humano-“lixo” na atualidade.

---

<sup>1</sup> A palavra lixo ainda é bastante utilizada no senso-comum, embora saibamos que a terminologia adequada na atualidade e utilizada no meio acadêmico-científico seja resíduos sólidos. A terminologia lixo é carregada de forte estigmatização quanto ao que não é útil, indesejável, enquanto que o termo resíduo sólido busca nos alertar para tal engano. No entanto, no decorrer do texto, pode-se observar que a palavra lixo virá sempre destacada da seguinte forma- “lixo”- para lembrar ao leitor que estamos privilegiando os dois contextos sócio-educativos.

<sup>2</sup> A gestão integrada de resíduos sólidos é um conjunto de metodologias com vista a redução não só da produção e eliminação de resíduos, como do melhor acompanhamento durante todo o seu ciclo produtivo. Tem como finalidade reduzir a produção de resíduos na origem, gerir a produção dos mesmos no sentido de atingir um equilíbrio entre a necessidade de produção de resíduos, e o seu impacto ambiental. É uma gestão transversal a todo o ciclo, o qual analisa de maneira holística.

<sup>3</sup> Ao todo são aproximadamente 670 trabalhos que retratam a questão dos resíduos sólidos somente na base de dados LILACS/SCIELO (acessado em 25/11/2009). Estes trabalhos estão direcionados principalmente para o âmbito da Engenharia Sanitária, Vigilância Epidemiológica e Educação Ambiental.

No que se refere ao contexto urbano, a questão do lixo, com enfoque nos aspectos psicológicos e sociais, é analisada apenas em duas pesquisas: uma sobre representações sociais do “lixo” em Santa Catarina, da pesquisadora Ariane Kuhnen, em 1995, e a outra, realizada na comunidade litorânea da Prainha, em Aquiraz–Ceará, em 1998, de autoria da Profª Drª em Psicologia Ambiental Sylvia Cavalcante. Não constam nas principais bases de dados – SCIELO, LILACS, biblioteca da UNICAMP – estudos dessa natureza no âmbito rural, principalmente, no semiárido nordestino.

Ao imergir o olhar sobre a questão, nota-se também que a prática de descarte do “lixo” no local apropriado parece não ter sido ainda incorporada ao comportamento cotidiano da maioria das pessoas, pois é possível observar, se tomarmos como referência os locais onde existe uma grande concentração de pessoas (praias, escolas, universidades, ônibus, parques de diversão, shows de forró), uma enorme quantidade de “lixo” jogado ao chão sem nenhuma preocupação quanto ao prejuízo causado ao ambiente com o descarte do mesmo. (BRANCO, 1990; CAVALCANTE, 1998; KUHLEN, 1995)

Observa-se, então, que a falta de práticas pró-ambientais, é considerada uma das condutas mais agressoras ao meio, principalmente, quando os responsáveis por esta questão são as pessoas frente ao próprio “lixo”, o que compromete, segundo Carvalho (2008), o processo de sensibilização e formação do sujeito ecológico<sup>4</sup>, requerendo da escola e dos processos educativos massificados e tradicionalistas a emergência de novo (s) Olhar (es) , nova (s) Escutas e de nova(s) Práxis sociais.

Em meados de 2002, depois de três anos de formada, tive minha primeira experiência de atuação em áreas rurais, enquanto profissional de Psicologia da Estratégia Saúde da Família (ESF) em Sobral–Ceará, e perpassando o olhar sobre os espaços de constituição da vida local observei que a caatinga, paisagem natural, típica do semiárido nordestino, vem sofrendo um processo de “plastificação”<sup>5</sup> (fotos no anexo 1) ou, melhor dizendo, tornando-se verdadeiros lixões a céu aberto.

---

<sup>4</sup> Eis alguns elementos para se pensar a formação ecológica: “ A formação de uma atitude ecológica pode ser considerada um dos objetivos mais perseguidos e reafirmados pela Educação Ambiental Crítica. Essa atitude poderia ser definida , em seu sentido mais amplo, como a adoção de um sistema de crenças, valores e sensibilidades éticas e estéticas orientado segundo os ideais de vida de um sujeito ecológico” ,(CARVALHO,2008,p.177)

<sup>5</sup> O termo “plastificação” se refere ao fato dos espaços naturais ao longo da rodovia que liga Fortaleza à Sobral estarem repletos de sacos e garrafas de plástico lançado a céu aberto, o que revela que a paisagem natural da caatinga está sendo tomada por estes resíduos sólidos. Este processo acelerado de descarte e acúmulo dos resíduos sólidos na paisagem natural está sendo intitulado, metaforicamente, no presente trabalho de “plastificação”.

Entretanto, contrariando esta realidade, em 2003, visitei pela primeira vez uma área de assentamento localizado a 65 Km da sede do município de Sobral, conhecido como Assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga e, nesta visita, ao escutar as pessoas em suas demandas sociais, um diálogo em particular entre mim e os demais técnicos de saúde despertou atenção: “É a primeira vez que você vem no assentamento?” perguntou o técnico. “Sim. É impressão minha ou aqui tudo é muito limpo?” respondi. “Não é impressão, não. Todos que chegam aqui têm essa sensação, principalmente porque você não vê nenhum “lixo” nas ruas”, disse outro técnico. “Que legal! Nunca imaginei que tivesse um lugar assim, sem “lixo” jogado nas ruas”, concluí.

Este breve diálogo e a reflexão dessa escuta impulsionaram o ímpeto de pesquisar esta realidade que, a princípio, se revelava tão distinta de outras descritas até o momento. Além disso, pareceu-me peculiar o fato de desta realidade provocar nas pessoas a sensação de que algo diferente acontece naquele lugar em termos de interações do humano com os espaços públicos e com o “lixo”.

Essas constatações culminaram com os seguintes questionamentos, norteadores deste estudo: Quais os aspectos históricos, afetivos, sócio-culturais e formativos das interações humano-“lixo” no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga? Que relação existe entre esses aspectos e as práticas de cuidado com os espaços públicos e o “lixo”? Que contributos educativos podemos vislumbrar nessas reflexões para a Educação Ambiental?

Assim sendo, esta pesquisa se detém na investigação dos aspectos históricos, afetivos, sócio-culturais e formativos presentes no cotidiano das interações humano-“lixo”, a partir dos marcadores do discurso do lugar<sup>6</sup>, no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga.

A escolha por este campo empírico deu-se também por outros motivos, como a possibilidade vislumbrada de articular o estudo da temática com uma comunidade de assentados que têm antecedentes históricos de engajamento com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a diversidade cultural dos moradores, que são procedentes de diversas regiões do Estado do Ceará e a delimitação geográfica da paisagem natural com começo, meio e fim. Esses motivos permitiram, como objetivos específicos, elucidar os interesses e motivações quanto à conservação do ambiente, assim como o sentimento de pertença ao lugar-comunidade; conhecer os hábitos, os costumes e as atitudes

---

<sup>6</sup> Categoria proposta por Figueiredo (2003; 2007).

das pessoas, quanto ao “lixo” doméstico, nas diversas atividades cotidianas, desvelando as representações sócio-culturais do “lixo” e as práticas sócio-ambientais formativas no assentamento.

Desse modo, interagir com os olhares e as escutas no decurso dessa pesquisa qualitativa, com inspiração etnográfica, constitui o mote principal desse trabalho dissertativo, porém é na materialidade da escrita que a pesquisa se concretiza e se faz pertinente ao campo da ciência. Para isto, dialogo com os marcadores e os teóricos que discutem a colonialidade do poder (Quijano,1991;Lander,2005); que discutem o conceito antropológico de cultura (Geertz,1978) e os que retratam a afetividade (Freire,1983;Maturana,1998; Figueiredo, 2003; 2007) como dimensão indispensável para a compreensão do humano nas interações com o ambiente e com os outros.

Por fim, na confluência das reflexões teóricas com as observações *in loco*, as visitas institucionais, o levantamento fotográfico, as anotações de campo e as entrevistas semiestruturadas é que a escrita dissertativa foi se delineando, se constituindo e, ao mesmo tempo, “reciclando” o conhecimento sobre as interações do humano com o “lixo” no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga.



## PARTE 2- CAPÍTULO 1: O PERCURSO METODOLÓGICO

### 1.1 Tipo de pesquisa e escolha do campo empírico

Esta pesquisa é eminentemente qualitativa, de cunho etnográfico. A opção por este tipo de investigação ocorreu pela busca da obtenção de diversos dados descritivos, que contemplassem os aspectos psicológicos, históricos, afetivos, sócio-ambientais e formativos presentes no cotidiano das interações humano-“lixo” em determinado espaço-tempo.

Para isto, fez-se necessário estar presente, convivendo, como observadora, na realidade investigada, o que permite, segundo os autores Lüdke & André (1986); Biklen & Bogdan (1994), desvelar os hábitos, os costumes e as práticas locais, assim como valorizar o “significado” e os “sentidos” que as pessoas atribuem aos fenômenos sociais circunscritos ao seu entorno.

Desse modo, optei por realizar esta pesquisa no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga<sup>7</sup> por diversos motivos: primeiro, pela possibilidade de articular o estudo da temática com uma comunidade de assentados, localizada no semiárido nordestino e que têm antecedentes históricos de engajamento com o movimento social dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); segundo, pela pluralidade cultural dos moradores do assentamento, que são procedentes de diversas regiões do Estado do Ceará; terceiro, pela delimitação geográfica com começo, meio e fim, o que permitiu investigar o sentimento de pertencimento, observar os hábitos, os costumes, e as práticas dos assentados quanto ao “lixo” doméstico nas mais diversas atividades cotidianas e, por fim, pela possibilidade encontrada de abordar os diversos marcadores do discurso do lugar<sup>8</sup> da comunidade como lideranças, agente de saúde, professores, agricultores e profissionais do lar.

### 1.2 Procedimentos Metodológicos

Inicialmente, quanto à inserção no campo, realizei visitas institucionais aos órgãos federal, estadual e municipal parceiros do assentamento. Ao todo foram oito visitas, sendo

---

<sup>7</sup> As reflexões referentes à constituição do nome do assentamento serão exaustivamente discutidas no Capítulo 2, Tópico 1- Assentamento Boa Esperança- Lagoa da Manga : História de lutas por um lugar-comunidade.

<sup>8</sup> Marcadores do discurso do lugar: são as pessoas que residem no local-comunidade e ocupam tanto uma posição privilegiada por efetuarem interlocução com os governantes locais, quanto atuam como referência para os demais moradores do local, como por exemplo: as lideranças, moradores antigos, professores da comunidade. (FIGUEIREDO,2003).

duas visitas ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)<sup>9</sup>, com o objetivo de coletar informações sobre a atuação desse órgão federal enquanto viabilizador das políticas públicas de reforma agrária nas áreas de assentamento.

Na Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Ceará (SEMACE) foi realizada uma visita com o intuito de conhecer as políticas públicas do Estado do Ceará concernentes tanto à gestão integrada dos resíduos sólidos, quanto aos programas estaduais de conservação e preservação ambiental também nas áreas de assentamento.

Foi feita uma visita ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Ceará (IBGE-CE), objetivando conhecer os dados referentes às condições sócio-econômicas das populações residentes nas zonas urbana e rural do distrito de Aracatiaçu e as formas de destino final atribuídas ao “lixo” doméstico.

Duas visitas à Prefeitura de Sobral, especificamente no setor de gestão dos resíduos sólidos, serviram para conhecer as políticas municipais de gestão dos resíduos, quer na sede, quer nos distritos do município.

Por fim, houve duas visitas à ONG/ACACE<sup>10</sup> que presta assistência técnica, social e ambiental no assentamento, com sede em Santa Quitéria, cujas ações, desenvolvidas na terceira semana de cada mês, visam orientar, acompanhar e vistoriar os projetos e programas da Agricultura Familiar, acordados com o INCRA, nos planos de desenvolvimento sustentável do assentamento<sup>11</sup>.

Todas essas visitas objetivaram conhecer os parceiros no âmbito da esfera federal, estadual e municipal que atuam hoje conjuntamente com os moradores do assentamento Boa Esperança- Lagoa da Manga, como também perceber a relação que estes órgãos estabelecem com o assentamento em termos de projetos, programas e ações públicas voltados para o ambiente e a gestão dos resíduos sólidos.

---

<sup>9</sup> Missão do INCRA: promover a reforma agrária com foco no desenvolvimento local integrado e sustentável com base nos princípios de justiça social, visando à cidadania e melhoria sócio-econômica da população rural. Sua visão de futuro: ser referência nacional de modelo de inclusão social e de agente no desenvolvimento rural integrado e sustentável. Macro objetivo: Promover a melhoria das condições sócio-econômicas e ambientais das populações rurais, com foco nos assentamentos de reforma agrária na perspectiva da equidade de gênero, raça e geração.

<sup>10</sup> Associação de Cooperativas de Agricultores do Estado do Ceará (ACACE).

<sup>11</sup> O plano de desenvolvimento do assentamento (PDA) é um documento que descreve as condições sócio-econômicas das famílias assentadas, bem como revela as necessidades e potencialidades da comunidade no que se refere ao desenvolvimento da agricultura familiar sustentável. A apresentação do PDA é requisito básico para a concessão de benefícios junto ao INCRA e de acesso aos programas federais voltados para a agricultura familiar.

### 1.3 A escolha dos marcadores do discurso do lugar

A partir das visitas, observações e das conversas informais realizados no segundo semestre de 2009 foi possível identificar três marcadores do discurso do lugar, que foram: uma moradora antiga da comunidade, uma dona de casa e um agricultor sendo, este, um dos líderes da associação dos assentados da Fazenda Boa Esperança.

A escolha pela categoria dos marcadores do discurso do lugar (Figueiredo, 2003) se efetivou por diversos motivos. Primeiro, pela posição privilegiada desses marcadores de efetuarem intercâmbio entre os moradores do assentamento e o poder local. Segundo, por atuarem como referência para os demais moradores e, terceiro, por desvelar os nós críticos, as situações-limite, os compassos e descompassos da dinâmica sócio-política do local.

Os três marcadores, ao longo do trabalho dissertativo, são identificados por nomes de espécies da fauna e flora do sertão. É que tais espécies são consideradas pelo IBAMA com iminente risco de extinção e existe a tendência à extinção não só das espécies, mas também de referenciais, do que é essencial para a vida comunitária e para a manutenção das tradições e valores locais. Por isso, aproveito este momento do trabalho dissertativo para homenagear cada marcador com o nome de espécies da fauna e da flora do sertão.

A escolha das espécies presentes na fauna e flora para nomear os sujeitos da pesquisa se deu também em virtude da impressão que foi se constituindo no imaginário da pesquisadora, ao longo da convivência, às vezes sistemática, às vezes esporádica, com os marcadores do discurso do lugar.

O marcador F.C.S., 41 anos, sexo masculino, um dos líderes da comunidade, analfabeto, reside no assentamento há mais de 20 anos, é casado e pai de dois filhos, não só atua na agricultura, na pecuária, na cooperativa de castanha, como também destina 50% de seu tempo laboral às atividades da comunidade, principalmente, aquelas que requerem intercâmbio com os poderes públicos federal, estadual e municipal.

Lembrei de uma entrevista no alpendre de sua residência, quando nos deparamos com uma árvore de copa ampla e bastante verde perdida no espaço da caatinga. Esta árvore, o juazeiro, cuja beleza nos impressiona, segundo informação do marcador, permanece verde o ano todo, independente de estarmos no período de estiagem de chuvas ou não.

Para ele, durante o relato de sua história de vida e de lutas, o juazeiro é o próprio símbolo de resistência à adversidade do tempo no sertão e de forma metafórica se considera o juazeiro da comunidade, em virtude dos problemas que enfrenta enquanto liderança.

A marcadora C. M. R., sexo feminino, 43 anos, reside no assentamento há 20 anos, era moradora da antiga Fazenda EMASA, trabalhava como doméstica para os antigos proprietários e hoje é funcionária pública da secretaria de saúde do município de Sobral.

A mesma se identifica com a carnaúba por acreditar que esta árvore, apesar do “casco” duro, seco, quando trabalhada, torna-se o mais fino e valioso produto para a comunidade. Esta reflexão se remete ao tempo em que teve os primeiros contatos com os assentados e se manteve distante, com receio daquele povo e das mudanças que viriam. Hoje se diz transformada e é considerada como referência de cuidado para a comunidade.

Já a marcadora I.M.S. é do sexo feminino, 39 anos. Dona de casa, trabalha também na agricultura, na cooperativa de castanha, na pecuária, é conhecida na comunidade como a melhor cozinheira e, portanto, é requisitada sempre pelas lideranças para a realização de banquetes que geralmente a comunidade oferece aos técnicos e aos visitantes que buscam conhecer e/ou realizar trabalhos e pesquisas no assentamento.

Para ela, a identificação imediata se deu com a ave chamada popularmente de jandaia, cujo nome é comumente dado à maioria das espécies de periquito do gênero Aratinga, que vivem em bando e têm como habitat natural o semiárido nordestino. Esta ave para a marcadora apresenta características que se assemelham ao seu modo de ser. Relata, através de sua história de vida, que é muito apegada à família e as pessoas de quem gosta, portanto, não se percebe distante de seu “bando”, assim como se sente alegre e vibrante com as conquistas alcançadas ao longo de sua vida, o que para ela está representado nas cores exuberantes –verde e amarelo– tão característico da ave jandaia.

#### **1.4 Técnicas de Coleta de dados**

Cada marcador do discurso do lugar foi entrevistado, contabilizando três entrevistas que foram gravadas e tiveram a duração média de uma hora cada. As entrevistas foram realizadas nas residências dos três marcadores que, ao serem convidados para participar do estudo, interessaram-se prontamente.

No início de cada entrevista (apêndice 1), percebi que os marcadores manifestavam certo constrangimento diante do gravador, ressaltando que preferiam uma conversa informal e, em alguns momentos, relatavam que se sentiam receosos de falar algo que viesse a comprometer os moradores do assentamento.

Diante desse impasse, no início de cada entrevista, expliquei os meus objetivos de pesquisa, ressaltando a relevância do estudo tanto para os assentados, quanto para o meio acadêmico-científico, como também a decisão de gravar ou não a entrevista caberia ao entrevistado que, caso concordasse, seria preservado o anonimato.

Além das entrevistas semiestruturadas, a técnica mais utilizada foi observação-participante com inspiração etnográfica (Geertz, 1978 ; Brandão, 1981; Lüdke & André, 1986; Biklen & Bogdan, 1994) pois, através dela, foi possível observar *in loco* as experiências diárias, os hábitos e costumes dos habitantes de forma espontânea em relação ao “lixo” doméstico nas etapas de produção, disposição, aproveitamento e comportamentos públicos, como também foi possível apreender espontaneamente, através de conversas informais espontâneas, os significados e os sentidos atribuídos ao “lixo”.

Esta técnica de coleta de dados, juntamente com as entrevistas semiestruturadas (Romanelli, 2002; Brandão, 2002) permitiu também o levantamento de informações quanto à história de lutas políticas pela terra, às práticas com o “lixo” doméstico, os interesses e motivações tanto dos antigos quanto dos atuais moradores do assentamento em relação à conservação do ambiente.

A princípio, houve por parte da pesquisadora a intenção de realizar um grupo de discussão inspirados nos círculos de cultura de Paulo Freire (1996), porém foi sugerido por alguns assentados que inicialmente participasse das reuniões com a ACACE e realizasse apenas as entrevistas com os marcadores do discurso do lugar. Após esta etapa, sugeriu-se também que os dados e as reflexões contidos no estudo fossem apresentados na reunião da associação dos assentados com a ACACE no mês de maio de 2010.

Esta condição sugerida pela associação se deu em virtude de muitos pesquisadores freqüentarem o assentamento e, depois de concluída suas pesquisas, não retornam para apresentar os resultados dos seus estudos. Portanto, esta condição foi discutida nas reuniões locais em encontros anteriores, ficando acordada tal sugestão para futuros pesquisadores.

Desse modo, concordei com tal sugestão e, durante a reunião da ACACE, foram compartilhados com os marcadores os dados coletados e as análises preliminares do estudo.

Além disso, fez-se necessário também um levantamento fotográfico. Foram fotografados os principais espaços públicos no assentamento (ruas principais da sede do assentamento, entrada de acesso ao assentamento, sangradouro, espaços sociais – cooperativa,

açude, escola etc.) com o objetivo de auxiliar nas reflexões concernentes a investigação, totalizando 29 fotos.

Concluída a etapa de coleta e apresentação dos dados, as informações colhidas foram categorizadas e analisadas à luz das reflexões do referencial teórico adotado para o estudo.

### **1.5 Conhecendo um pouco o assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga.**

O assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga se localiza na CE-55 que liga Forquilha a Santa Quitéria, e está situado a 25 km da sede do distrito de Aracatiaçu, em Sobral-Ceará.

O município de Sobral está situado na zona do sertão centro-norte do Ceará-Brasil, estando distante de Fortaleza, capital do Estado, 224 Km. É constituída por treze distritos: Aprazível, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Patos, Rafael Arruda, Patriarca, São José do Torto e Taparuaba que abrangem uma área territorial de 1.729Km. Dispõe atualmente de uma população 176.895 habitantes, sendo 51,5% do sexo feminino e 48,5% masculino. Da população total do município, 86% reside na zona urbana e 14% na rural (IBGE, 2004).

O distrito de Aracatiaçu, que na língua Tupi-Guarani significa “ventos que sopram fortes”, dista 65 KM da sede do município de Sobral, fazendo fronteira com os municípios de Forquilha, Santa Quitéria e Irauçuba. Atualmente, segundo dados do IBGE (2001), conta com aproximadamente 5.320 habitantes. Acredita-se que deveria ser muito maior o contingente populacional, se não fosse tão alto êxodo rural, que acontece devido à falta de condições de trabalho e de melhores condições de vida.

A cidade de Aracatiaçu, segundo Martins (1996), foi erguida às margens do Rio que tem o mesmo nome, sendo abastecida de água do rio que tem uma extensão razoável e recebe, durante o período de chuvas, as águas dos afluentes, Bom Jesus, Riacho do Gabriel, Riacho do Pajé, Rio do Mendes, Riacho Salgado e o Riacho da Cachoeirinha.

O distrito possui um açude de grande extensão que abastece com água tratada pelo Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto (SAAE) as residências locais. A região, na maior parte do ano, é castigada pela estiagem o que caracteriza o clima local como seco e quente e com vegetação predominantemente típica do sertão cearense, a caatinga. Algumas serras do distrito são compostas de pedras marmoríticas de onde são extraídas pedras de mármore para serem comercializadas em outras regiões.

Além desta atividade econômica, a pesca é uma atividade intensa e representa grande parte da força de subsistência no distrito. Os peixes são pescados em redes artesanais, tarrafas e anzóis e exportados para toda região Norte. Outra atividade bastante significativa e de subsistência é a pecuária, com a criação de bovinos, caprinos, suínos e ovinos. A agricultura de subsistência predominante se resume à produção do milho e feijão, cuja cultura se excede especialmente na época de chuvas (MARTINS,1996).

Com relação ao comércio e a indústria, há em Aracatiaçu uma fábrica que confecciona peças íntimas femininas, uma fábrica de fogos de artifícios e alguns produtores de chapéu de palha. O comércio é razoavelmente desenvolvido, representado por pequenos mercantis que vendem gêneros alimentícios, artefatos e produtos em geral.

Vale ressaltar, também, que a população de Aracatiaçu apresenta um forte fervor cristão, desde a época de sua fundação. Segundo os moradores mais antigos, o primeiro nome da localidade era Fazenda Cajueiro e seu primeiro proprietário foi o português da fazenda João Pereira de Holanda Cavalcante, que construiu a sua casa às margens do rio. Nesse mesmo local se ergueu a atual Igreja de Santo Antônio. Esse fato se deu nos meados do século XVIII e, alguns anos depois, em 1733, foi construída a então igreja de Santo Antônio de Aracatiaçu, tornando-se o marco histórico da fundação da cidade.

A religiosidade presente ao longo da História do distrito no comportamento social da população é relevante para se compreender as tradições que ainda hoje são preservadas. Em junho, entre os dias 1º e 13º, é que se realizam os festejos de Santo Antônio de Pádua, com trezenas, missas e procissões. As pessoas dos povoados adjacentes também comparecem e durante os 13 dias, a imagem do santo visita uma residência, sendo que, a cada dia, um segmento da sociedade se responsabiliza pela organização da noite (MARTINS,1996).

A educação na sede de Aracatiaçu é composta de duas escolas que atendem a clientela que vai desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, sendo que o ensino fundamental I e II é mantido pelo município e o ensino médio pelo Estado. O ensino fundamental funciona na Escola Municipal Francisco Aguiar onde atualmente são atendidos 1.029 alunos. Estes alunos são provenientes tanto da sede do distrito quanto das áreas de assentamentos.

O assentamento Boa Esperança-Lagoa da manga dista 25 Km da sede do distrito e teve início em 1997, depois da desapropriação da antiga fazenda EMASA, pertencente ao

grupo empresarial BANCESA<sup>12</sup> que, durante muito tempo, explorou os bens hídricos e naturais do local. Somente em 2002, saiu o investimento do Programa do Governo Federal de Investimento em Agricultura Familiar (PRONAF A).

Entre 1997 e 2002, o assentamento recebeu dois tipos de crédito: o de instalação do INCRA para construção de habitação, reforma, alimentação; e o crédito fomento para equipamentos agrícolas, aquisição de animais. O fato do PRONAF- A ser concedido as áreas de assentamento hoje, no Brasil, mostra que a conquista alcançada pelo MST (2009) vai além do desejo de distribuição igualitária da terra. As pessoas, além da divisão eqüitativa dos espaços, são também contempladas com programas sociais de incentivo à agricultura familiar.

O PRONAF é um dos exemplos dessa nova filosofia dos programas federais do Ministério da Agricultura que, com o intuito de favorecer o crescimento e desenvolvimento dos assentamentos, oferecem incentivos financeiros e apoio técnico aos trabalhadores rurais.

Atualmente, o assentamento conta com 76 domicílios particulares e aproximadamente 368 habitantes, segundo dados do IBGE (2001)<sup>13</sup>.



**Foto 1. Parede do Açude Santarém**



**Foto 2. Vista panorâmica do açude Santarém**

No assentamento foram construídos três açudes: um de grande porte, o Santarém (Foto 1 e 2), e os demais de pequeno porte, sendo que, juntos, ocupam 50.977ha. A água usada para banhos, lavagem de roupa e para o consumo animal é proveniente dos açudes. Toda a água servida é jogada no quintal. Os banhos e a lavagem de roupa são realizados no açude nos períodos em que ocorre defeito no motor-bomba que puxa água do açude para as residências, enquanto que, para beber, a comunidade utiliza a água proveniente das cisternas.

<sup>12</sup> Banco do Ceará S.A .

<sup>13</sup> Os dados disponíveis sobre os distritos do município de Sobral são referentes ao Censo de 2000, pois em 2007 não foi realizada contagem em Sobral. Segundo os técnicos do IBGE, em 2007, somente os municípios com menos de 170.000 habitantes foram contemplados com o Censo Demográfico.



A área total do assentamento é de 2.504.8481ha, sendo que as áreas de preservação permanente e de reserva legal demarcadas ocupam respectivamente 121.7462ha e 500.9696ha (mapa no anexo 2).

De acordo com a lei federal 7.803/89, as áreas de preservação permanente são as áreas próximas às encostas e margens de rios, riachos (cursos d'água) e encostas das elevações, e as de reserva legal são as áreas de matas fechadas, que não sofreram ainda interferência do homem e que, portanto, são protegidas pela União.

O assentamento conta com duas associações: uma com 10 famílias, a associação Lagoa da Manga; e a outra, a associação Boa Esperança, composta por 62 famílias que residem na sede do assentamento. As 10 famílias da primeira são compostas por antigos moradores que já residiam no assentamento e que eram moradores da fazenda na época em que o grupo BANCESA administrava o local. O propósito da constituição dessa segunda associação se deu por conta da necessidade sentida por parte do grupo de melhorar a divisão de tarefas no assentamento.

No plano de recuperação do assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga (2006)<sup>14</sup>, a área territorial ocupada pelo assentamento apresenta espaço propício tanto para pecuária quanto para agricultura de subsistência o que possibilitou o enquadramento do assentamento no PRONAF – A.

As famílias são divididas em dois grupos de trabalho. Um trabalha em torno da sede da fazenda onde se encontra toda infraestrutura, o outro é dos moradores que vivem na localidade da Lagoa do Mato. Neste local, observa-se que não existe nenhuma estrutura de produção agropecuária, faltando desde as instalações sanitárias até a energia elétrica.

Todas as famílias assentadas se dedicam a agricultura, à criação de animais, à cooperativa de castanha e, em menor escala, à atividade extrativista (carnaúba). Em todos os casos, trata-se de atividades voltadas para a subsistência. Na agricultura existem basicamente dois sistemas de produção: um do plantio consorciado de feijão e mandioca, o outro do plantio de milho e feijão.

Em todos são usados métodos de cultivos tradicionais, compreendendo a broca, encoivramento e queima, realizados durante a estação seca, e o plantio é efetuado logo no

---

<sup>14</sup> O plano de recuperação do assentamento foi elaborado em 2006, através da realização de um planejamento estratégico com os assentados promovido pela Associação das Cooperativas de Agricultores do Estado do Ceará (ACACE). Este documento foi entregue no mesmo ano ao INCRA para apreciação e liberação de recursos financeiros do Ministério da Agricultura.

início da quadra invernososa. Todas as fases de produção (plantio, tratos culturais, colheita e beneficiamento) são realizadas de forma manual. Alguns usam a força animal somente para transporte dos produtos colhidos, em carroças ou em lombo de animal.

No momento, o assentamento apresenta potencial voltado também para pecuária bovina, ovina e caprina, tendo uma estrutura de 05 silos de trincheiras com capacidade de 220 m<sup>3</sup> cada, 02 barragens de grande porte suportando 02 anos de estiagem, curral, estábulo, brete e área de pasto nativo.

Na pecuária destaca-se a criação de animais, sendo mais expressiva a presença de caprinos e ovinos, e, em seguida de bovinos e aves. A criação de caprinos, ovinos e aves é destinada sobretudo ao consumo familiar e secundariamente à comercialização.

A produção leiteira é utilizada no consumo familiar, na alimentação das crias e o pouco excedente ou é transformado em queijo ou é posto à venda. Na ovinocaprinocultura, os animais são criados no sistema semiextensivo. Durante o dia, os animais ficam soltos, sendo recolhidos no final da tarde. Quanto ao rebanho, a responsabilidade é do assentado, cada um cuida de seus animais.

A reserva estratégica necessária para sustentar o rebanho é proveniente de feno de capim elefante, feno de mandioca, canarana e silagem de sorgo, os mesmos são armazenados no mês de junho, época em que o pasto nativo ainda apresenta condições favoráveis em termos protéicos ao manejo alimentar dos rebanhos.

Além do fornecimento do feno e da silagem, a alimentação dos rebanhos é complementada com a incorporação isolada ou combinada, em determinadas épocas do ano, de mandioca e de restolhos de cultivos diversos, sob pastejo direto ou cortada e armazenada para a época da seca.

Quanto à forma de gerenciamento das atividades previstas no PDS, os beneficiários trabalham de forma coletiva na qual toda a infra-estrutura é comum a todos, facilitando assim o manejo do rebanho, manutenção das capineiras, implantação, manutenção e colheitas das culturas.

Nos brejos e baixios<sup>15</sup>, acompanhando as partes inundáveis dos cursos d'água, a vegetação mais presente é a carnaúba, a qual produz folhas grandes de onde se retira a cera,

---

<sup>15</sup> Baixios: são terras localizadas em depressões, próximas a um bem hídrico, portanto apresentando uma umidade permanente. Muito usado para plantio de fruteiras ou capineiras. O relevo é levemente ondulado. Normalmente os agricultores denominam os solos de terra croa, arisco e barro.

muito usada para fabricação de graxas para sapato, assoalho e, antigamente, discos para a indústria fonográfica.



**Foto 3. Tronco da Carnaúba**

Para a economia da região, além do caule que serve de pilares para alpendres, vigas e madeirame usado nas construções de casas (foto 3), suas folhas são também empregadas, após a coleta e secagem, na fabricação de chapéus, cestas, esteiras e artesanato em geral.

De acordo com o regimento interno e o estatuto da associação, no imóvel, não existem áreas delimitadas para cada assentado. A atividade agrícola e a pecuária são trabalhadas de forma individual. Cada assentado pode explorar uma área de até 03 hectares localizados próximo às residências ou em locais escolhidos pelo assentado e aprovado em assembléia. Não existe parcelamento da área.

O estado de conservação do solo é regular, apresentando erosão laminar moderada, sendo possível observar que predominantemente os solos estão cobertos pelo extrato herbáceo e/ ou pela caatinga arbustiva e arbórea. Mas, pela constante prática das queimadas, por desmatamentos anteriores e sucessivos plantios, a terra está desgastada e isso se reflete nos rendimentos das culturas.

Uma prática tradicionalmente utilizada na região e adotada por alguns assentados é o emprego da bagana de carnaúba como cobertura morta. Seu uso ainda é restrito, apesar da existência de carnaubais nativos. Até o presente, o assentado tem preferido arrendar seu carnaubal a terceiros a explorá-los diretamente.

No assentamento existe uma área física destinada aos espaços comunitários, à escola e à sede da associação. Neste local está prevista a construção de um espaço de lazer, como a praça e a quadra poliesportiva. O assentamento é atendido com rede de energia elétrica trifásica e todas as famílias residentes na sede do assentamento dispõem de eletrificação.

As habitações estão distribuídas ao longo do assentamento, divididas em duas vilas, havendo um aglomerado em torno da sede da fazenda onde se encontra toda a infra-estrutura e outro na localidade de Lagoa do Mato.

No assentamento existe apenas uma escola, com o ensino fundamental I, funcionando na sede. Em relação ao ensino fundamental II e médio, os alunos se dirigem para a escola da sede do distrito de Aracatiaçu, enquanto os alunos da Educação Infantil são assistidos no próprio assentamento.

Quanto à qualificação dos professores, apenas um tem nível superior e 02 nível pedagógico. Existe uma creche, atendendo 25 crianças na faixa etária de zero a seis anos, funcionando no salão comunitário. Com relação às ações de saúde oferecida aos assentados, quase não existem. Não existe posto de saúde, mas contam com uma Agente Comunitária de Saúde que é servidora pública da Secretaria de Saúde do município de Sobral.

Após esta breve apresentação dos elementos técnicos e sociais que constituem o assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, pretendo nos capítulos seguintes desvelar de forma pormenorizada os aspectos históricos, afetivos, sócio-culturais e formativos presentes no cotidiano das interações humano-“lixo”, a partir dos marcadores do discurso do lugar e das reflexões contidas nas categorias analíticas emergentes no estudo.

### **PARTE 3: O COTIDIANO DAS INTERAÇÕES HUMANO-“LIXO” NO ASSENTAMENTO SE REVELA...**

Esta terceira parte do trabalho dissertativo está dividida em quatro capítulos. Especificamente, no capítulo 2, intitulado: Assentamento Boa Esperança- Lagoa da Manga: Histórias de lutas por um lugar-comunidade<sup>16</sup>, ressalto a história de conflitos e conquistas dos assentados pela terra desde o surgimento do acampamento Groaíras até a implantação do assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga.

No terceiro capítulo, situo o contexto sócio-político da atualidade na qual se insere o assentamento, particularmente no que diz respeito às políticas públicas de gestão do “lixo” e suas diretrizes operacionais no Estado do Ceará. Para isto, relato as visitas institucionais realizadas por mim, durante a pesquisa de campo, no segundo semestre de 2009.

No quarto capítulo, descrevo, respectivamente, as reflexões acerca dos afetos, particularmente do sentimento de pertencimento ao lugar-comunidade, que os assentados expressam pelo lugar onde vivem e nas relações com as pessoas com as quais convivem.

Por fim, busco no capítulo quinto, desvelar as representações sócio-culturais, os hábitos, costumes e práticas frente ao “lixo” doméstico. Além disso, também foram valorizadas as práticas sócio-culturais-formativas que caracteriza o sistema de ensino informal, presente na vida social-comunitária do assentamento, no sentido de entender as interações humano-ambiente-“lixo”, assim como os contributos pedagógicos desse entendimento para a Educação Ambiental.

#### **CAPÍTULO 2. ASSENTAMENTO BOA ESPERANÇA-LAGOA DA MANGA: HISTÓRIA DE LUTAS POR UM LUGAR-COMUNIDADE.**

A compreensão da História de um povo se faz não apenas com a narrativa dos grandes fatos políticos e dos grandes heróis, mas também se constitui a partir de uma história que é feita por pessoas comuns que, no dinamismo de suas ações, traçam as teias que marcam um modo de ser e estar no mundo. (LE GOFF, 2003)

---

<sup>16</sup> O contexto sócio-cultural do assentamento apresenta fatores e elementos que o caracterizam como um lugar – comunidade. São eles: delimitação territorial e geográfica, mesmo nível sócio-econômico, laços históricos e culturais; atividades econômicas e sociais comuns, convivência efetiva, duradoura e direta, identificação entre os moradores, necessidades e problemas comuns (GÓIS, 1993). Estes aspectos serão apresentados ao longo das discussões contidas neste estudo.

Com base nessa reflexão, a compreensão da história do Assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, a partir dos marcadores do discurso do lugar, se faz indispensável. Este entendimento histórico pautado na experiência de vida dos assentados se deu ao longo do processo de inserção da pesquisadora no campo de estudo, haja vista que, apesar de conhecer a comunidade desde 2003, ressalto que ainda não tinha uma fidedigna apropriação quanto ao histórico de vida e as lutas empreendidas pelos moradores do lugar.

Portanto, neste capítulo, pretendo descrever como se deu à trajetória de lutas e conquistas pela terra e por melhores condições de vida empreendidas pelos moradores do assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, desde a época em que residiam no acampamento “Groaíras” até a implantação e organização social do assentamento em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rural Sem-Terra (MST) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

### **2.1. Acampamento “Groaíras”: Onde tudo começou?**

De acordo com a história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST, 2009), a luta que se estabelece hoje, no Brasil, por garantia do direito à distribuição igualitária da terra, teve seu início há 25 anos atrás, com a mobilização de trabalhadores rurais que decidiram fundar um movimento social camponês, autônomo, que lutasse pelo direito à terra, pela Reforma Agrária e por transformações sociais necessárias para o homem do campo em nosso país.

O movimento se iniciou com a concentração de pessoas em acampamentos itinerários com o intuito de pressionar o poder público, de forma que ele viesse a perceber que era necessário ter agilidade na tomada de decisões políticas quanto ao processo de desapropriação de terras férteis dominadas e exploradas por grandes latifundiários em todo o país.

Este momento inicial do processo de mobilização social realizado por todos os trabalhadores rurais quando iniciam sua caminhada de lutas em prol da garantia do direito a terra é conhecido nacionalmente por acampamento do MST. Tal denominação significa que um grupo de pessoas se encontra em um determinado espaço geográfico, geralmente, uma fazenda de grande porte, cuja propriedade pertence a grandes latifundiários ou a grandes indústrias capitalistas locais, e de forma simples monta moradias provisórias que, muitas vezes, apresentam condições precárias de sobrevivência.

Montar um acampamento, para o MST (MST,2009), não significa apenas ocupar um lugar físico, mas também possibilitar mobilização e visibilidade social das questões problemáticas, que envolvem os povos do campo na atualidade. A luta empreendida pelos povos do campo hoje é marcada por um forte desejo de serem escutados em suas demandas e valorizados em seus potenciais e, principalmente, de serem reconhecidos como atores sociais plenos de direitos, garantidos pelo estatuto de cidadãos. Porém, nem sempre esta luta por direitos é confortável, em virtude dos impasses que surgem durante o processo de negociação com o poder público. Os atritos são inevitáveis, como nos fala o marcador Juazeiro:

(...) a gente começou (...) fez um acampamento numa área onde a gente morava , que era na fazenda Groaíras, já era uma parte desapropriada; ela foi dividida em duas partes. Era em Santa Quitéria. Fomos acampados, (...) Foi um atrito muito forte. Entramos em 1996 e fomos despejados em 97, ia completar um ano que a gente estava na área. Tinha muito barraco, quando a gente foi despejado, ia completar um ano que a gente estava lá.

Percebi que este momento de acampar na terra é propício para a escuta e negociação com o poder público e se efetiva para o MST como uma estratégia de enfrentamento social contra o poder dos processos colonializantes estatais aos quais, os trabalhadores rurais no Brasil, foram submetidos desde a ditadura militar (GOHN, 2008).

Apesar do nome “Groaíras”<sup>17</sup>, o acampamento se localizava no município de Santa Quitéria, em uma fazenda pertencente ao Sr. Aécio de Borba, que era deputado estadual em Fortaleza, no ano de 1996.

Segundo o marcador Juazeiro, esta fazenda foi invadida pelos sem-terra em virtude do conhecimento da sua excelência produtiva, portanto, propícia ao desenvolvimento de uma agricultura familiar de subsistência e para o assentamento de um número significativo de famílias.

Esses dois fatores foram imprescindíveis para que os trabalhadores rurais que lá já residiam encabeçassem o movimento para que a fazenda fosse desapropriada completamente pelo INCRA e nela fosse implantada uma área de assentamento. Porém, o dono da propriedade não concordou com a desapropriação da parte produtiva da fazenda, o que gerou fortes conflitos com os acampados.

No verão de 1997, um ano após a instalação do acampamento, os acampados foram despejados de forma abrupta e violenta.

---

<sup>17</sup> Groaíras: Município cearense localizado na zona norte do Estado do Ceará.

## 2.2 “O despejo”

Para se compreender o que foi este momento na história de lutas dos assentados é importante conhecermos o significado etimológico da palavra despejo. O termo despejo advém do verbo despejar (des+ pejo+ar) que de acordo com Michaelis (2008) apresenta tanto o sentido de desocupar, esvaziar quanto o de expulsar.

Compreende-se, para os marcadores, que este momento não se caracterizou no acampamento como mais um despejo, no sentido de desocupação, esvaziamento do lugar, mas como “o despejo”, significando expulsão que se deu de forma violenta e voraz.

Quando indaguei à marcadora Jandaia se a iniciativa do despejo havia vindo de particulares ou se a polícia estava envolvida, foram marcantes suas descrições, ao relembrar as situações vivenciadas pelos acampados que se encontravam na Fazenda Groaíras:

Marcadora Jandaia: A polícia tava, teve ordem judicial. Tinha uma menina lá, que é sobrinha dele, que é deficiente, ela é surda e eles atirando e ela não levantava da rede, ela não escutava, e eles achavam que era por que ela não queria sair . Aí eles foram lá e cortaram o punho da rede dela, e a bichinha caiu no chão. Eu tava grávida, bem pertinho de ter a menina, aí chegou um e me deu um empurrão e dizia vai lá para frente para tu morrer com os outros. O despejo foi horrível.

Percebi, portanto, que “o despejo” se deu a partir de uma ordem judicial que permitia a união de forças da polícia e do latifundiário no planejamento, operacionalização e execução da ordem de expulsão dos acampados. Pelo que escutei, as ações executadas pelo poder de polícia instituído judicialmente foram desumanas, punitivas e abusivas, em virtude do uso da coação e da ameaça de morte.

Após este episódio, os acampados saíram da fazenda “Groaíras” e encabeçaram automaticamente uma negociação com o INCRA-Fortaleza e os donos de outra fazenda, localizada no município de Sobral, conhecida como EMASA e de propriedade do Sr. Manuel Machado, também deputado estadual. Este momento é relatado pelo marcador Juazeiro:

Quando nós viemos para cá, a gente negociou diretamente com o INCRA- Fortaleza, né ! Na época, um irmão meu que era um dos líderes, que era presidente da associação que tinha lá, e com os outros companheiros conseguimos negociar diretamente com os donos e o INCRA que, no tempo era o Manuel Machado e o presidente do INCRA, na época, era o Luís Vidal.

Na época, esta fazenda que abrigava uma empresa, a empresa EMASA, estava em processo de desapropriação pelo INCRA, pois os donos adquiriram dívidas exorbitantes em virtude dos financiamentos e empréstimos que solicitavam junto aos bancos. Devido, então, ao não cumprimento dos acordos e pagamentos junto aos bancos, a propriedade foi confiscada



para sanar os débitos. O banco, por sua vez, negociou com o INCRA e, o mesmo, desapropriou a fazenda.

### 2.3 A chegada na fazenda EMASA

Os ex-acampados, após negociação com o INCRA, foram encaminhados para a fazenda EMASA ainda no verão de 1997. Nesse momento, não houve fortes atritos como os vividos no acampamento da fazenda “Groaíras”. Os trabalhadores rurais se dirigiram à propriedade e foram instalados nas casas que existiam, até receberem os créditos financeiros<sup>18</sup> para instalação das famílias e operacionalização da implantação do assentamento, conforme revela o marcador Juazeiro:

Quando foi em julho de 97, foi que nós viemos para cá, como a gente já tinha negociado (...), a gente num teve acampamento e a gente veio direto para as casas que tinham. Inclusive quando a gente chegou aqui, tinha esse galpão lá, tinha a casa sede que hoje funciona a escola (...).

Ao chegarem à fazenda, o marcador informa que existia apenas um galpão, a casa sede onde funcionava a administração da empresa, currais e algumas casas onde já residiam os moradores que trabalhavam na fazenda.

Inicialmente, a propriedade foi ocupada tanto pelos antigos moradores da Fazenda EMASA como por aproximadamente 12 famílias procedentes do acampamento “Groaíras” como nos conta o marcador Juazeiro:

(...) Assim é muito forte a conquista, para gente chegar aqui, só não houve morte mais foi falado muito...durante muito tempo (...). Foi um teste mesmo muito forte. Só que daí teve uma parte que veio e a outra que decidiu ficar lá, num povoadozinho lá. Aí de lá veio umas 12 famílias assim, eu não estou bem lembrado, não!!! Eu acho que eram umas 12 famílias e tinha as pessoas que moravam aqui. (Marcador Juazeiro - 41 anos)

(...) Eu acho que talvez seja isso que nós valorizamos essa conquista. Eu acho não, eu tenho certeza. **Não só eu, mas algumas pessoas têm isso aqui como um troféu que a gente ganha (grifo meu)**, tudo aquilo que você arrisca, arrisca a vida ou morrer ou matar, a gente passou por essa aprovação. Então eu acho que quando a gente lembra de tudo isso, talvez seja uma das coisas maior que a gente tem para ter vindo para cá e permanecer aqui como nós estamos, e com tanto amor, de gostar, de ter um carinho especial, dar valor a esta situação (...).( Marcador Juazeiro - 41 anos)

De acordo com o marcador Juazeiro, o episódio vivido pelo despejo se tornou um marco de luta e resistência dos trabalhadores rurais na região norte do Estado do Ceará. O acampamento na fazenda Groaíras significou a união de forças dos trabalhadores, a resistência

<sup>18</sup> Os créditos financeiros se referem aos créditos de instalação para construção de habitação, reforma, alimentação; e o crédito fomento para equipamentos agrícolas, aquisição de animais etc.

de um povo às formas de opressão e subalternidade contra um poder hegemônico e, principalmente, apesar da derrota inicial, tornou-se um fato histórico para o grupo de acampados.

Corroborando as idéias de Gylberto Freire (2005), um fato se torna histórico não apenas por conter a descrição das situações que ocorreram, mas por também situarmos as pessoas e as emoções despertadas no momento e que não se compreendem fora de um contexto.

Ainda sobre este aspecto, são claras as afirmações do marcador Juazeiro, quando interliga o fato, as pessoas envolvidas e as emoções vividas no episódio do despejo e, por fim, considera a conquista da terra como a maior vitória da luta dos trabalhadores rurais naquele período, assim como a aquisição definitiva da mesma como a consagração final dessa conquista, ou seja, no sentido metafórico, representado no discurso do marcador Juazeiro como troféu.

A conquista da terra, então, por ser considerada metaforicamente um troféu, é ressignificada nas narrativas dos marcadores e sempre acompanhada de forte conotação afetiva. Este aspecto é mostrado claramente pelo marcador Juazeiro:

(...) Eu sinto prazer de falar bem daqui. E da imagem daqui. O nome daqui é assentamento esperança, essa história de esperança (**parou de falar , respirou com ênfase**) o que a gente teve todo tempo, eu me orgulho muito disso aqui. Foi à comunidade que escolheu o nome Boa Esperança. Se me der outro canto para morar na cidade, eu não quero não, eu quero é aqui.

Este depoimento do marcador desvela que, apesar das adversidades vividas pelo grupo de ex-acampados, os mesmos nunca deixaram de ter esperança quanto à melhoria das condições de vida e de trabalho no campo. A palavra esperança foi enfatizada na fala e, ao mesmo tempo, se tornou um *insight*. O marcador parou de falar nesse momento, respirou e, logo em seguida, fez associação com o nome do assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, cujo nome Boa Esperança foi eleito pelo grupo de trabalhadores rurais recém-ingressos no assentamento, logo na primeira reunião realizada na fazenda.

O nome atual do assentamento é Boa Esperança-Lagoa da Manga, embora os assentados tenham escolhido, logo no início do assentamento, somente o nome Boa Esperança. Como no início era difícil para que outras comunidades identificar o local do assentamento apenas com o uso do nome Boa Esperança, ocorreu que os moradores, como forma de orientação e localização espacial, informavam que o assentamento Boa Esperança era a antiga fazenda Lagoa da Manga ou empresa EMASA.

O termo Lagoa da Manga se refere ao antigo nome do lugar, durante o período em que existia a Fazenda EMASA e, devido a esta explicação que facilitava o intercâmbio social, as pessoas cotidianamente chamavam assentamento Boa Esperança, o antigo Lagoa da Manga, que por fim, culminou na abreviação: Assentamento Boa Esperança- Lagoa da Manga.

Percebe-se, tanto na fala do marcador quanto no nome do assentamento, que a “pulsão de vida” do grupo de acampados, mesmo enfrentando momentos difíceis, foi à fé na esperança de que dias melhores estavam por vir. A esperança, para Freire (1996, p.72), “é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário (...) é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo”.

Assim sendo, a esperança para os marcadores foi a força motriz que impulsionou o humano a acreditar na possibilidade de enfrentamento das situações de opressão impostas pelo latifundiário ao trabalhador rural. Nessas situações opressoras, o “(...) dominador, nas suas relações com o seu contrário, o que se pretende é conquistá-lo, cada vez mais, através de mil formas. Das mais duras às mais sutis. Das mais repressivas às mais delicadas, às mais adocicadas, como o paternalismo.(FREIRE, 2005,p.157)”.

Uma dessas formas sutis de dominação é oprimir não só economicamente, mas cultural e ideologicamente as pessoas, mitigando no oprimido a sua tendência natural à auto-realização, ou melhor, a sua tendência em ser-mais. Para Freire (2005), este movimento de busca do humano em “ser mais” reflete a habilidade das pessoas de se reconhecerem enquanto autores históricos, sociais e afetivos, que primam por relações que se contrapõem ao isolamento, à dominação e valorizam a comunhão entre os povos. Ao ser acionada essa tendência no cotidiano das ações humanas, as pessoas se humanizam, dão-se conta dos afetos circundantes nas relações, despertando a esperança de que é possível inviabilizar qualquer projeto de cunho opressor.

Desse modo, outro aspecto relevante no nome do assentamento e que desperta reflexões sobre a tendência em “ser mais” dos assentados é a localização escrita do nome BOA ESPERANÇA-EMASA na placa que indica a entrada do assentamento, como se vê na foto abaixo:



**Foto 4. Placa indicativa da antiga entrada do Assentamento Boa Esperança- Lagoa da Manga na CE 55.**

Percebi que o nome Assentamento Fazenda Esperança, escrito pelos assentados, se encontra acima do nome EMASA, cuja escrita antiga foi mantida. Simbolicamente, esta placa não indica apenas a entrada do assentamento, ela é a placa que indica e nomeia aquilo que o marcador Juazeiro considerou, metaforicamente, troféu.

Além disso, o nome interliga, a meu ver, o passado de lutas empreendidas contra o latifúndio, denominado na placa de EMASA e o momento presente de conquistas, nomeado de fazenda Boa Esperança, mantendo viva a memória do lugar e a história de lutas e conquistas de um povo.

Pensando, então, nessa interligação entre passado e presente, busquei andar pelos espaços no assentamento, durante minhas visitas, e pude perceber que tal reflexão não se limita apenas a placa. É possível também observar nos espaços públicos, na arquitetura das casas e na escola do assentamento.



**Foto 5. Mata-burro**

Nos espaços públicos, percebi, vendo a foto acima, que a permanência, por exemplo do mata-burro e de uma passagem construída naturalmente pelos moradores ao lado, revela

que o passado que constituía o lugar era eminentemente voltado para a criação de um grande contingente de gado para corte e produção de leite e que , neste caso, era imprescindível a presença do mata-burro para limitar o trânsito dos animais pela fazenda, como nos diz o marcador juazeiro: (...) Aqui antes era uma fazenda e era uma vacaria e de criação de gado. Era do morador que morava aqui. Além da vacaria , tinha gado pra corte e aproximadamente o dono tinha entre 1.500 e 2.000 gado na área que tinha uma área de 2.460 metros de hectares, aquele mata-burro era da época(...)

Além do mata-burro, observei a integração entre antigas residências, habitadas pelos antigos moradores, e as novas residências construídas com os incentivos financeiros do INCRA para a habitação. Essa integração entre residências antigas e novas permitem que os assentados, ao contarem a história de seu povo e do lugar, tenham como referenciais históricos arquitetônicos essas residências, pois, durante as visitas ao assentamento, os marcadores sempre destacavam as residências que foram construídas, conforme foto 7, e as que já existiam, inclusive fazem questão de manter e preservar a residência mais antiga do lugar onde reside também a moradora mais antiga que tem por volta de 89 anos, conforme foto 6.



**Foto 6. Casa mais antiga do assentamento às margens do sangradouro.**



**Foto 7. Tipo de casa erguida no assentamento.**

Se as casas revelam essa integração histórica generosa entre passado e presente, a estrutura física da escola também é um espaço em que, simbolicamente, a meu ver, representa o processo de humanização do ser e dos espaços construídos.

A casa onde se localiza a escola era, na época da Fazenda Boa Esperança, a casa-sede, ou seja, o centro administrativo da fazenda e, portanto, local de operacionalização do trabalho dos moradores, que estavam submetidos a um regime de trabalho assalariado, sem direito ao uso e posse da terra.

Hoje, essa casa é um anexo da Escola Municipal Marcilon Sabóia de Albuquerque (foto 8), cuja comunidade denomina anexo Paulo Freire, que atende as crianças do assentamento na faixa etária de zero a doze anos. Os assentados transformaram os antigos quartos da casa do patrão em salas de aula.

No interior da escola (foto 9), especificamente no centro da casa, existe um belo jardim de inverno, com diversas plantas, que são cuidadas pelas crianças. Na antiga fazenda, este espaço da casa era apenas uma sala de espera com chão de concreto, e, no centro da casa, pendurado no teto, um exuberante lustre de vidro.



**Foto 8. Anexo Paulo Freire.**



**Foto 9. Jardim interno da escola.**

Esta mudança de finalidade da casa-sede para casa-escola e da sala de espera para jardim de inverno reflete, a partir do espaço físico, uma mudança de paradigma nos processos de vida social e comunitária do lugar. O que antes era de propriedade do capital, com o intuito eminentemente exploratório, hoje é espaço de conciliação entre o humano e a natureza. Esta mudança de paradigma não é característica apenas do Assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, haja vista que tais idéias, atitudes e mudanças fazem parte de um projeto político maior, encabeçado na atualidade pelo Movimento dos Trabalhadores Rural Sem-Terra (MST).

O MST se apresenta no cenário brasileiro, desde o início dos anos oitenta, como um dos atores centrais na luta pela reforma agrária. Segundo Leite (2006), a luta do MST consiste em denunciar os efeitos sócio-econômicos do avanço do capital no campo, do desenraizamento por ele provocado e da legião de excluídos que criou, em função do seu caráter extremamente concentracionista de terras. Por isso, percebi que a mudança de finalidade da casa-sede para casa-escola reflete esses princípios ideológicos norteadores do MST nas áreas de assentamento.

Sabe-se também, de acordo com Moraes (1988, p.15), que as re-ordenações dos espaços físicos “(...) são produtos históricos (...) o espaço produzido é resultado da ação humana sobre a superfície terrestre que expressa, a cada momento, as relações sociais que lhe deram origem”. No sistema capitalista, em particular, a reprodução social dos grupos dominantes estará centrada em torno da acumulação do capital. O sistema social estabelecido, a tecnologia desenvolvida e as adaptações ambientais realizadas responderão, por conseguinte, aos fins assinalados.

Desse modo, com a chegada dos ex-acampados na Fazenda EMASA, um novo sistema social começou a ser estabelecido. Os espaços fotografados representam o registro histórico de que novas finalidades de relação entre humano e o ambiente começaram a se instalar naquele lugar, além de também ser um documento comprobatório da apropriação de um espaço pela cultura dos trabalhadores rurais sem terra.

Essa apropriação cultural dos espaços e a implantação de um novo modo de vida no lugar é resultado de uma trama histórica e de múltiplos condicionantes. Interligar o passado e o presente nos espaços, narrar às lutas dos acampados, o momento violento e angustiante do despejo e a convicção de que a esperança nunca foi ceifada revela uma trama histórica densa, fervorosa e, acima de tudo, formativa para os moradores advindos tanto dos acampamentos quanto dos que já moravam no lugar.

#### **2.4 Os primeiros contatos entre os moradores: encontros, desencontros e conquistas.**

A chegada dos acampados na fazenda EMASA, a meu ver, foi um momento de “encontros” e “desencontros”, tanto para os ex-acampados quanto para os moradores antigos. As pessoas, de ambos os grupos, eram advindas de relações sociais excludentes e opressoras. Porém, demonstravam posturas, concepções e sentimentos divergentes quanto à interpretação daquele momento histórico vivido logo após a desapropriação da fazenda. Esse fato é descrito pela Marcadora Carnaúba quando perguntada sobre o que sentia, naquela época, quando ela soube que a área da fazenda seria desapropriada:

Marcadora Carnaúba: Eu ficava estranha, eu sentia que na fisionomia deles que eles estavam conquistando uma coisa que eles queriam muito, até lá eu não sabia o que era uma área de assentamento, eu não sabia o que seria dali para frente, como seria, o que faria. Para mim, na época, eu acharia que não seria bom, que fosse ruim. Eles como já tinham conhecimento, já tinham reunião, eles sabiam o que queriam, eu fui aprendendo junto com eles, e junto com eles passei a ver e a conhecer o que é uma área de assentamento, o que é uma reforma agrária, o que é esse movimento e gostei e passei a gostar, e daqui não saio e daqui ninguém me tira.

Pesquisadora: Eu posso dizer então que houve uma resistência dos antigos moradores em relação ao assentamento?

Marcadora Carnaúba: Isso, teve. Alguém não os recebeu com bons olhos, não, principalmente, aqueles que gostavam de ser mandado, acostumado a viver de patrão, que ele tinha o dinheiro certo e a partir dali, ele teria que trabalhar para sobreviver. Ele não gostava e passou junto com os outros a aprender. E hoje eles gostam, nenhum dos que já moravam aqui saíram. Eu via que eles sofriam para chegar aqui, e eles dão valor isso aqui. Talvez poderia ser feito mais, mas às vezes depende de dinheiro. A gente não tem muita ajuda.

A resistência dos antigos moradores se deu, conforme o relato da marcadora Carnaúba, em virtude do fato de desconhecerem as políticas de reforma agrária, as lutas dos acampados e a filosofia de vida comunitária em um assentamento. Este desconhecimento do novo, do inusitado, gerava incertezas, medos e anseios quanto ao futuro de suas famílias que passariam a conviver com um grupo do qual desconheciam origens, atitudes, hábitos e costumes, o que impulsionava certa insegurança quanto à aproximação, a princípio, dos antigos moradores em relação aos recém-ingressos na área.

Apesar de a marcadora Carnaúba apontar a resistência como primeira reação psicoafetiva dos moradores antigos, acredito, baseada em Elias (1998), que as incertezas diante do novo, do desconhecido e, principalmente, das novidades que os assentados trariam para o lugar, constituiu-se entre os moradores antigos uma situação dilemática de insegurança quanto ao novo e não de resistência<sup>19</sup>, o que gerou instabilidade emotiva à medida em que desacomodava e desafiava as pessoas para o enfrentamento deste recém configuração das relações sociais no campo.

Outro aspecto no discurso da marcadora Carnaúba está relacionado à mudança de regime de trabalho, antes marcado por práticas de submissão, por gostar de ser mandado, acostumado a trabalhar para o patrão, com dinheiro certo, que, embora fosse pouco, era a garantia de sustento no final do mês.

Com a implantação do assentamento, esse morador não teria mais patrão, teria que juntamente com os demais moradores, cuidar da terra, plantar, trabalhar e de forma autônoma ganhar o pão de cada dia. Estas transformações sócio-laborais, no início, trouxeram sofrimento, receio e medo, o que revela, segundo Azibeiro (2002), ao trazer à tona o conceito de subalternidade, que a constituição das identidades dos povos, diante da relação patrão-empregado, são resultado da introspecção e da corporeificação da perspectiva do patrão, ou seja, do colonizador, o que impulsiona relações subalternizantes nas quais o trabalhador do

---

<sup>19</sup> Compreendo o termo resistência como o evitamento total de determinada situação que cause dor, perda e angústia. No caso dos antigos moradores, mesmo diante de uma situação de estranheza, em momento algum, evitaram o enfrentamento, ao contrário, mantiveram-se dispostos a conhecer e viver um novo ordenamento das relações sociais.



campo apenas se reconhece na perspectiva do patrão, mostrando-se receoso diante de mudanças que valorizam a perspectiva do humano, enquanto ser em comunhão com os outros e com a natureza.

Esta compreensão retomada também pelas perspectivas pós-colonialistas, de acordo com Quijano(1991) e Lander(2005), nos mostra que as relações entre colonizador e colonizado se constituíram ao longo da história da humanidade, antes mesmo da Revolução Industrial, e que o receio à mudança nessa relação é reflexo da condição dos povos e das sociedades do terceiro mundo, acostumados a se perceberem e a se constituírem a partir do lugar do colonizador.

No entanto, a aprendizagem dos novos modos de vida, tanto para antigos quanto para os novos moradores do lugar, foi se constituindo no cotidiano, nas atividades da agricultura de subsistência, nas reuniões, nas assembléias mediadas pelo INCRA e nas conversas informais entre os moradores.

Após esses momentos de aproximação, o resultado foi à imediata adesão dos moradores antigos ao novo projeto de vida social e laboral, como também a tomada de consciência em relação ao processo de colonialidade, opressão e subalternidade ao qual estavam submetidos. Para isso, o diálogo abaixo entre a pesquisadora e a marcadora Carnaúba é confirmador:

Pesquisadora: Você morou nesse período, morou com teu marido, seus filhos, como era a relação com o patrão?

Marcadora Carnaúba: Não muito boa, porque você sabe que quando se mora na zona rural num sertão, onde você não pode criar nada e viver só daquele dinheiro que o patrão dava, que era uma merreca que mal dava para sobreviver e você tinha que tá ali para trabalhar, eu achei uma mudança enorme para melhor, depois que passei a conviver com os assentados.

Pesquisadora: Trabalhava você, seu marido e seu filho?

Marcadora Carnaúba: Não, só meu marido, para a mulher não tinha o que fazer . Era assim, nós morávamos na terra que a gente não podia plantar. Hoje não, a terra é do INCRA, mas é nossa que foi conquista dos assentados, não é nem o INCRA que mantém a área de assentamento, quem mantém é o assentado. Ele faz muito bem feito, pois é algo que ele conquistou , você só sabe dar valor quando se conquista.

- Marcadora Carnaúba: Aqui não criava porco, não criava ovelha, assim, o morador não criava, mas o patrão criava de tudo, de tudo que ele pudesse, ele criava, mas o morador não, o máximo que podia criar era uma galinha, para não sujar a casa dele onde ele vinha passar o final de semana e hoje nós não criamos porco na área de assentamento, porque ele remexe a terra, destrói as plantações, as fezes dele vai para o açude , a gente evita até (parada no pensamento), cerca o açude para o gado e o cavalo não deixar fezes próximo ao açude, pois contamina a água que é para o nosso consumo.

A marcadora Carnaúba relata em seu depoimento que os moradores da antiga fazenda não tinham o domínio nem a posse da terra para a implantação de uma agricultura de subsistência voltada para a melhoria da alimentação de seus filhos e familiares. Toda a terra era usada única e exclusivamente para a plantação de pastos (capim) que era a alimentação básica para o gado.

Ainda em relação a este aspecto, a marcadora Carnaúba ressalta que não criavam também porco, ovelha, porém o patrão podia criar de tudo. O ato de proibir ao morador o cultivo da terra e a criação de animais para completar sua alimentação revela que o domínio do patrão sobre o morador era constante, opressor e condicionado pelas necessidades do empreendimento capitalista que usufruía a terra.

Já o marcador Juazeiro nos fala que:

Quando a gente chegou aqui, ela era uma área praticamente... tivesse 60 % de área desmatada e, além de ser desmatada, ela era arrancada no trator de esteira. Inclusive tinha muito canto aqui, que o solo, hoje, há 12 anos que estamos aqui, ainda não recuperou, porque ele era arrancado para fazer o pasto. Isso na época dos donos, que era os machados. Isso era a exploração deles mais, e eles num tinha a preocupação de trabalhar aqui com a agricultura, no caso de plantar milho, feijão, mandioca.

O relato do marcador Juazeiro nos impressiona, quando informa que, ao chegar à fazenda, percebeu que boa parte daquele espaço era devastada devido aos desmatamentos sistemáticos e ao uso de tratores de esteira no trato com a terra. A constatação mais evidente deste processo de domínio empreendedor do antigo proprietário são as terras que, hoje, mesmo depois de 12 anos de investimento em uma agricultura sustentável e de cuidado com o solo, não conseguiram se recuperar. Essas áreas eram desmatadas com o intuito de aumentar o plantio do capim, cujo objetivo maior era manter uma grande e excedente quantidade de alimento para o gado.

Portanto, não existia a preocupação com o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, pois tal idéia ia de encontro ao desenvolvimento de um empreendimento industrial, que era a criação de gado para produção e comercialização de leite e de carne, como nos revelam os diálogos entre a pesquisadora e a marcadora Carnaúba:

Pesquisadora: Conta-me como foi aquele período do assentamento, você era moradora antiga, como era a dinâmica de vida antes do assentamento, você morava aqui desde criança?

Marcadora Carnaúba: Não, de criança, eu nasci nas Flores que hoje é uma área de assentamento, eu morava lá, meus pais, meu avó era vaqueiro, era do finado Chico Montes, meu pai morava desde pequeno, depois eu casei e vim morar aqui, tinha tipo uma empresa de carteira assinada, as pessoas trabalhavam, eu casei e vim para

cá aos 19 anos , meu marido trabalhava aqui , era tratorista, eles vendiam o leite , cuidavam do gado , armazenavam o capim no silo , tinha gado de cocheira , tinha muito leite e era vendido na lata , plantavam cajueiro mas não cuidavam

Pesquisadora: Vocês praticamente só faziam o que o patrão orientava?

Marcadora Carnaúba: Isso, só o que era orientado, queimava um roçado todinho, isso quando eles autorizavam, eles não queriam, mas eles podiam plantar um roçado de não sei quantos hectares, desmatar para plantar capim , desmatar para plantar uma garoba, para plantar sorgo, é um tipo de capim.

Pesquisadora: Eles desmatavam para plantar capim para o gado? O gado tinha mais valor do que as pessoas?

Marcadora Carnaúba: Para eles tinham, a terra tinha que ser para eles, para ganhar mais dinheiro ali. Muitas vezes eles traziam uma pessoa do banco para financiar um projeto que não dava em nada e passavam a mão no dinheiro, porque se eles plantassem, eles tinham que pagar para aguar, e incluía as pessoas como beneficiárias do processo e aonde que se sabia que isso acontecia e era uma estrutura de ponta e nós éramos os humilhados.

Percebi que além de explorar a terra para usufruto próprio, o latifundiário ainda empreendia outras formas de exploração, às vezes diretivas, às vezes sutis, como o fato de angariar maiores rendimentos, faziam empréstimos e obtinham ganhos pecuniários que envolviam diretamente as pessoas mais humildes e dependentes nas relações de trabalho.

Ao discutir este aspecto do trabalho desenvolvido pelos moradores na fazenda, fica claro nos depoimentos que o homem (chefe da família) era o provedor da casa e mantinha uma relação de trabalho na fazenda, baseado na aceitação de uma condição de subalternidade que se estendia também para os demais familiares.

A mulher, por exemplo, apresentava uma limitação quanto às atividades e funções desempenhadas na fazenda. Geralmente, elas eram chamadas para cozinhar, lavar e passar roupas na casa-grande (sede), sem receber nenhum auxílio financeiro pelos serviços prestados. O simples fato de residir na área e ter o marido como empregado da fazenda era suficiente para que o patrão pudesse usufruir de outros benefícios, como o trabalho doméstico dessas mulheres.

Desse modo, a atuação da mulher na fazenda era também limitada. Diferentemente do que acontecia nesse período, são notórias as mudanças ocorridas após a implantação do assentamento, tanto na função do homem, quanto na da mulher, assim como na relação que ambos os sujeitos estabelecem com a terra.

O INCRA legalmente ainda não reconhece o assentamento como emancipado. Os assentados possuem o título de uso e posse da terra para fins de desenvolvimento de uma

agricultura e pecuária de subsistência, o que permite aos atuais moradores considerarem a terra que vivem e trabalham como de direito.

Essa certeza percebida no discurso da marcadora Carnaúba se dá pelo fato de articular as conquistas alcançadas pelo grupo com as lutas enfrentadas no período dos acampamentos, o que para eles já seria constatação suficiente para se considerarem merecedores da terra que habitam.

Além disso, outras mudanças positivas, na visão da marcadora, ocorreram. Se antes lhes eram vetado o cultivo da terra e a criação de animais. Hoje, cada morador cuida da terra, cria seus próprios animais, como galinhas, patos e cultiva um quintal produtivo com frutas, verduras, hortaliças e legumes, como se mostra na foto 10, que servem para melhorar o cardápio alimentar de sua família e de seus vizinhos.



**Foto 10. Quintal Produtivo**



**Foto11. Foto Panorâmica do Açude Santarém**

A única restrição em relação à pecuária de subsistência é quanto à criação de porcos. Como os assentados precisam da água do açude para abastecer suas residências, foi decidido que as áreas próximas aos açudes ficariam cercadas, para evitar que os animais despejassem suas fezes, contaminando a água.

Por todos estes fatos narrados pelos marcadores e por se ter no local antigamente uma empresa de grande porte, tipicamente industrial, surgiu à necessidade, ao longo das entrevistas, de conhecer, com relação aos antigos moradores, como era o relacionamento estabelecido entre os mesmos e o “lixo” produzido nas atividades econômicas da empresa e dos domicílios.

## 2.5 E as interações humano-“lixo”, afinal?

De acordo com a marcadora Carnaúba, o “lixo” era jogado a céu aberto, não existia coleta, acondicionamento adequado nem aterro sanitário. O “lixo” não era queimado e, portanto, os moradores simplesmente jogavam em terrenos baldios, geralmente nas áreas distante das residências, próximo as encostas, riachos e grotas, sem nenhuma preocupação quanto ao descarte do mesmo, enquanto que os proprietários em alguns casos queimavam e /ou enterravam, principalmente, quando se tratava dos pneus desgastados dos tratores de esteira, conforme informa a marcadora no seguinte diálogo:

Marcadora Carnaúba: Enterrava, o dono usava a casa ali, ou o escritório, eles queimavam pneus, muito pneus eles tocavam fogo, tinham uma oficina de trator, de consertar carro e às vezes a gente via um palmo de fumaça preta no meio do mundo e quando a gente olhava era os pneus queimando.

Pesquisadora: E vocês aprenderam a queimar com ele?

Marcadora Carnaúba: Não, a gente nem ligava por que assim eles iam queimar o pneu. A gente não tinha lixo semelhante a este (**pneu**) porque então queimar. Hoje a gente sabe da importância de cuidar do meio ambiente.

Este diálogo despertou atenção da pesquisadora, durante as entrevistas, pois mais uma vez surge a idéia de submissão, subalternidade do morador ao patrão. A identidade do homem do campo está tão submetida aos ditames ideológicos do patrão que mitigam a constituição de novas formas de ser e estar no mundo, pois se percebe que toda e qualquer iniciativa do morador deveria passar primeiro pelo crivo do patrão que autorizaria ou não a realização de qualquer atividade (AZIBEIRO, 2002).

As pessoas não se sentiam autônomas nem mesmo para dar um destino adequado ao “lixo” produzido, só faziam o que lhes era permitido e o que era observado nas práticas dos donos. Baseado nesse pensamento como não tinha “lixo” semelhante ao pneu, não queimavam nenhum outro lixo produzido no domicílio, restando apenas o descarte na mata.

Diferentemente de antes, hoje, no assentamento, procura-se não jogar o “lixo” nos espaços públicos e nas áreas de preservação ambiental. A maioria dos resíduos é reutilizada, porém a prática mais comum dos moradores, quanto ao destino final do “lixo”, é a queima<sup>20</sup>.

A marcadora Carnaúba, antiga moradora, relata que embora residindo em uma área rural, a presença de “lixo” era bastante significativa. O “lixo” era simplesmente juntado e exposto a céu aberto. No relato, percebi a concepção negativista de “lixo” do morador.

---

<sup>20</sup> Para os assentados, a única alternativa viável no momento é a queima do “lixo”. Não existe coleta pública de lixo, aterro sanitário e nenhuma outra ação do poder público voltado para o “lixo” no assentamento. Sobre esta questão, nos capítulos seguintes, serão discutidos outros aspectos relevantes.

Também é possível, no relato, observar a presença de semelhanças e diferenças, de antes, comparado com o “lixo” atual do assentamento:

Marcadora Carnaúba: Lixo era juntar e jogar fora, lixo era papel, garrafa, saco plástico, aquilo que eu não precisava mais, eu jogava fora e eu deixava que o vento levasse, jogava no terreiro e ia embora. De todas as famílias era a prática que usavam.

Pesquisadora: Teu lixo hoje é o mesmo daquela época, tem semelhança ou diferença?

Marcadora Carnaúba: Não mudou muito não. Vidro, plástico, papel, garrafa, (...).

È notório que, mesmo em épocas anteriores, o “lixo” do morador era composto por resíduos sólidos semelhantes aos encontrados no “lixo” de hoje nas residências do assentamento, como vidro, papel e garrafa, porém em menor quantidade, como afirmam alguns marcadores. No entanto, quando se trata de incluir os restos de comida como “lixo”, a marcadora Carnaúba para em seu relato e traz a seguinte reflexão:

(...) **comida ..... não.....se tinha tão pouca comida que nada se estruía (grifo meu)**. Hoje já sobra comida e vai para os animais. Naquela época era muito regrado, hoje já sobra e é destinado aos animais e se sobrasse naquela época ia para o lixo pois não se criava animal, era só o gado e ele comia o capim. Hoje é aproveitado, cria a galinha, o capote. Isso se não der para aproveitar para o outro dia, pois agora a gente tem geladeira e guarda a sobra que antes não tinha geladeira, naquela época. Então tem muita diferença hoje.

Apesar das semelhanças apontadas, a diferença elencada pela marcadora Carnaúba nos chama atenção. A condição de vida no campo do morador antigo era extremamente limitada e desprovida de alimentação suficiente para a família.

Este aspecto se refletia diretamente na produção do “lixo” doméstico, que, mesmo contendo resíduos sólidos, os restos de comida não constavam no *menu* do “lixo”, haja vista que pouco era o alimento para a família, o que acarretava não existirem restos de comida. Nos dias atuais, os restos/sobras de comida ou são direcionados para os animais que cada morador cria no assentamento, ou são armazenados.

O acondicionamento dos restos de alimentos prosperou na comunidade em virtude de alguns benefícios sociais garantidos, como a instalação de energia elétrica. A presença de energia elétrica impulsionou na comunidade o desejo de adquirir uma geladeira, para armazenar os alimentos perecíveis e beber água gelada.

A geladeira, portanto, tornou possível que os restos e sobras de alimentos que, muitas vezes, são utilizados para auxiliar na alimentação de animais domésticos, também pudessem

ser reaproveitados, o que na visão da marcadora, é uma diferença significativa em relação ao passado.

Além da geladeira, no assentamento, é possível visualizar na cozinha a integração do tradicional com o moderno, como a presença de fogão a gás e a lenha, antena parabólica para TV e o rádio de pilha, a cama de solteiro ou de casal, embora a preferência das pessoas seja pela rede; o jumento, a bicicleta e a moto; o conjunto de mesa tubular e o banco ou a mesa de madeira; casas de alvenaria, embora demonstrem gostar também das casas de taipa, pelo fato de proporcionarem um ambiente domiciliar mais ameno e fresco.

Enfim, identifiquei que as interações humano-“lixo”-ambiente no assentamento se modificaram ao longo dos tempos, assim como foram agregados novos valores e novas tecnologias ao cotidiano, porém é observável que os assentados buscam interligar o passado de lutas com o presente de conquistas, tanto nos espaços públicos quanto no interior dos domicílios.

Acredito que essa confluência entre o passado e o presente, no momento da chegada na fazenda EMASA, impulsionou nessa população a ressignificação das práticas no cotidiano, a confluência de culturas e a construção de novos modos de vida sociais e afetivos, enquanto assentados, que valorizam as conquistas sem perder de vista as lutas do passado e o tradicional jeito simples de ser do homem do campo.

Sendo assim, observei que os marcadores do discurso do lugar, ao falarem das suas histórias de vida e das lutas por um lugar-comunidade, expressam um sentimento intrínseco de cuidado e amor pelo lugar e pelas pessoas com as quais convivem. Este fato impulsionou em mim, enquanto observadora e pesquisadora, o desejo de apresentar e discutir que afetos são estes que estão imbricados nas práticas cotidianas dos assentados, especialmente, no que se refere às práticas de cuidado com o “lixo” e com os espaços públicos do assentamento.

Desse modo, no capítulo seguinte intitulado Assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga: Lugar de Afetos, expressei os sentimentos dos assentados que foram passíveis de identificação através do olhar, da fala e de uma escuta sensível permeados pelos espaços de constituição da vida local. Para isto, faço interlocução com autores Corraliza (1998), Moser (1998), Giuliani(2004), Bonfim (2008), Figueiredo (2003;2007) que privilegiam a afetividade como mola motriz das relações humanas.

### **CAPÍTULO 3: ASSENTAMENTO BOA ESPERANÇA-LAGOA DA MANGA: LUGAR DE AFETOS**

Para a Psicologia Ambiental, segundo Bonfim (2008), o lugar é o centro da reprodução da vida e deve ser analisado com base na relação morador-afetos-lugar. As interações que os moradores estabelecem com os lugares e com as pessoas se exprimem no cotidiano, nas práticas e estão repletas de sentidos e de afetos.

Os pesquisadores na atualidade que tratam desse tema, como Corraliza (1998), Moser (1998), Giuliani(2004), Bonfim (2008), Figueiredo (2003;2007) afirmam que a natureza dos afetos e, particularmente, do sentimento de pertencimento, está diretamente ligada aos lugares habitados, nomeados e ressignificados pela presença do humano a partir da construção de sua história.

Pretendi neste capítulo elucidar o sentimento de pertencimento ao lugar-comunidade, assim como o interesse e motivação quanto à conservação do ambiente no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, ressaltando as experiências humanas dos assentados, representadas pelos afetos que as pessoas sentem pelo lugar em que vivem e atuam; e também em relação às outras pessoas com as quais convivem.

Ao longo das entrevistas com os marcadores do discurso do lugar, percebi que a ênfase maior de suas reflexões está voltada para a história de lutas e conquistas empreendidas pelo grupo de assentados advindos da fazenda Groaíras, assim como são extremamente enfáticos ao afirmar que foi a partir dessas experiências, muitas vezes sofridas, que fortaleceu o sentimento de cuidado e valorização pelo lugar-comunidade:

Eu acho que talvez seja isso que nós valorizamos, essa conquista (Acampamento Groaíras). Eu acho não, eu tenho certeza (...). Então eu acho que quando a gente lembra de tudo isso, talvez seja uma das coisas maior que a gente tem pra ter vindo para cá e permanecer aqui como nós estamos. (Marcador Juazeiro)

Em relação a este aspecto, os três marcadores emitem suas opiniões que são confluentes no que se refere ao prazer de morar e viver no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, demonstrando que a ligação afetiva com o lugar é extremamente forte, a ponto de ser tão ou mais importante do que o lugar de nascimento:

Gosto, eu gosto, eu quero lhe dizer que eu aqui me identifico muito mais do que na área donde eu mesmo sou filho, da fazenda de Groaíras, donde mesmo eu nasci, me criei. Eu digo assim, sem medo de errar, até hoje, eu não sei amanhã, mas até hoje eu me identifico melhor aqui donde eu nasci , me criei, eu me sinto melhor aqui , eu



**me considero de umbigo enterrado aqui (grifo meu)** (Marcador Juazeiro- 41 anos)

E assim, morar na zona rural, em área de assentamento é a melhor coisa para mim, porque (...) Muito mais tranquilo para criar os filhos da gente, sobreviver, e quando a pessoa tem aquele lugar, tem as suas raízes ali, ele não vai querer destruir, ele vai justamente querer cultivar, cuidar , para que as coisas melhorem.(Marcadora Carnaúba, 43 anos)

(...) engraçado quando eu vim de lá para morar aqui eu chorava para não ir e quando eu passei a morar aqui, eu choro para não sair daqui.(Marcadora Jandaia, 39 anos )

Dos relatos apresentados acima, chama-nos atenção a expressão destacada na fala do marcador Juazeiro. Esta expressão “umbigo enterrado aqui” revela uma prática comum da tradição popular do homem no campo. Significa que o homem ao nascer não se desvincula do seu lugar de nascimento, ou seja, da terra na qual se insere, pertence e finca sua raiz identitária.

Desse modo, considero esta expressão “umbigo enterrado aqui” como a “corporeificação” metafórica do sentimento de pertencimento ao lugar-comunidade. Sentir-se pertencente a um lugar revela que a apropriação afetiva desse ator<sup>21</sup> social não tem um sentido meramente funcional. É um processo dinâmico, projeta-se no tempo, é o resumo da vida e das experiências públicas e íntimas vivenciadas no lugar, o que possibilita a garantia de segurança e de estabilidade afetiva e identitária.

Giuliani (2004, p.90) ressalta que:

(...) o sentimento que possuímos em relação a alguns lugares e às comunidades que os lugares ajudam a definir e que são, por sua vez, definidos por elas – lar, local de trabalho igreja, vizinhança, cidade, país, continente-, certamente contribui, forte e positivamente, para definir nossa identidade, dar sentido à nossa vida , enriquecê-la com valores , metas e significado.

Baseado, então, nesse sentimento de se sentir parte do lugar e integrado à terra conquistada, a marcadora Carnaúba ressalta que o assentamento se constitui em um espaço social-comunitário seguro afetivamente o que permite a tranquilidade dos moradores para a constituição e cuidados com seus familiares.

Observa-se, como diz Giuliani (2004, p.95), que:

O sentimento de pertencimento ao lugar tem uma base mais emocional do que funcional , isto é, o laço com o local não se deve às suas qualidades específicas, mas ao sentimento de segurança e bem-estar que ele suscita em nós, já que constitui a base territorial de nossa existência.

---

<sup>21</sup> O termo ator social se refere ao ser que, diante das questões dilemáticas da existência, se posiciona provido de iniciativa e de consciência social, capaz de pensar estratégias favoráveis de enfrentamento. É um ser em constante devir e que não se prende aos determinismos sociais. (ARDOINO,1998)

Se a base é mais emocional do que funcional, então, pode-se considerar que outros afetos também circulam e se entrecruzam nas falas e nas experiências dos marcadores nas interações com o ambiente e com as pessoas.

Além do sentimento de pertença, outros afetos foram apreendidos ao longo da pesquisa, quer através das entrevistas, quer das observações *in loco*, quanto aos interesses e motivações que os marcadores estabelecem com a conservação do ambiente<sup>22</sup> e com as pessoas.

A amorosidade é um desses afetos apreendidos quanto ao ambiente. A amorosidade pelo lugar se expressa nas narrativas sobre as lutas pela terra e na satisfação pela qualidade de vida no assentamento, conforme fala dos marcadores:

(...) Então eu acho que quando a gente lembra de tudo isso (luta pela terra), talvez seja uma das coisas maior que a gente tem pra ter vindo para cá e permanecer aqui como nós estamos, e com tanto **amor (grifo meu)**, de gostar, de ter um carinho especial, dar valor a esta situação.(Marcador Juazeiro)

Eu gosto porque, assim, é aqui que a gente cria os filhos (...) Muito mais tranqüilo para criar os filhos da gente, sobreviver, e quando a pessoa tem aquele lugar, tem as suas raízes ali, **ama de verdade, (grifo meu)** ele não vai querer destruir, ele vai justamente querer cultivar, cuidar, para que as coisas melhorem” (Marcadora Carnaúba)

Ao narrar à história de lutas e conquistas, o marcador Juazeiro é enfático ao associar a constituição do amor pela terra aos momentos difíceis e angustiantes vividos no passado. O passado de lutas se constituiu como momento significativo na vida dos assentados, não apenas pela conquista material alcançada, mas principalmente pelo afeto despertado com a conquista. Este afeto endossado pelos dois marcadores é o amor. Amor que para Maturana (1998) é fundamento do social, edifica e constitui o humano nas interações que estabelece com o seu entorno e com os outros e a amorosidade, segundo Freire (1981), como a qualidade indispensável nas relações humanas verdadeiramente autênticas e cuja manifestação se materializa nas lutas pela garantia de direitos sociais, na denúncia das injustiças sociais, no sentir-se solidário, se contrapondo portanto, a relações que buscam apropriar-se do outro.

De fato, com as falas, percebi que o sustentáculo das interações humanas com o entorno é eminentemente amoroso, pois antes mesmo de dialogar sobre este aspecto, o marcador Juazeiro, na entrevista, se diz tão emocionado, quando as pessoas perguntam se ele gosta do lugar onde vive que não consegue entender : “(...) por que eu gosto tanto daqui, eu não sei

---

<sup>22</sup> Entende-se ambiente como “(...) um lugar determinado e/ ou percebido onde os aspectos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em constante interação. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica, processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (REIGOTA,2004,p.21)”

(...) se eu sair daqui para mim, talvez, Deus defenda, eu peço a Deus que não aconteça , mais se fosse o caso seria a maior tristeza da minha vida.”

O simples fato de cogitar na possibilidade de sair do assentamento é motivo de intensa tristeza, o que revela a integração total do humano, enquanto dimensão afetiva de apego, com o entorno. O amor e a tristeza são afetos genuinamente humanos, estão em constante sintonia. A perda de um revela o outro e vice-versa. A presença desses afetos nas falas dos marcadores nos ilustra que o amor pelo lugar é genuinamente verdadeiro.

Se o amor é verdadeiro, ele também constitui as ações, não fica apenas no plano da subjetividade. Ele é um sentimento englobante, na visão de Barbier (1998), que leva a uma sensibilidade ecológica, ética e estética que se concretiza no aqui-agora. Para os assentados, esta concretização do amor se dá através de práticas de cuidado, de zelo, cultivando a terra e valorizando o lugar onde se vive e as pessoas com as quais se convive. Na relação com o outro, a marcadora Carnaúba é peculiar ao descrever que:

(...) todas as famílias aqui tem o mesmo pensamento, todo mundo se conhece, todo mundo se ajuda, na hora de uma dificuldade, se alguém fica doente, o outro dá sempre a mão para ajudar , seja financeiramente ou da maneira que pode ajudar e eu vejo assim...

Pesquisadora : É uma convivência solidária !!!!

Marcadora Carnaúba: Isso, Isso é o que mais acontece aqui. Graças a Deus.

Pesquisadora: Como é essa convivência solidária, como você identifica essas atitudes?

Marcadora Carnaúba: Como por exemplo, uma pessoa doente, ele tá passando necessidade por que ele tem uma família, por que ele é o chefe da família, ele não está podendo trabalhar, aquela família ali vai passar dificuldade, porque ele não tem emprego fixo, ele não tem renda, o que é que a gente faz, promove bingo, pede ajuda, cada um doa um quilo de alimento, faz uma cesta e no final das contas tudo dá certo. É essa a maneira que eu falo de ser ajudado e ajudar quem está necessitando.

Como o regime de trabalho no assentamento não é regido pela CLT, cada morador colhe o que planta, consome o que produziu na terra e recebe do INCRA os créditos de incentivos à produção apenas quando acordado pelas políticas de reforma agrária.

Na falta dessas estratégias de ganho do “pão de cada dia”, a comunidade se organiza e, os moradores imbuídos pelo sentimento de solidariedade não permitem que o morador em tal situação passe fome e nem outras privações, como destaca a marcadora Carnaúba.

Para isto, desenvolvem atitudes solidárias, mobilizam a comunidade e garantem a sustentabilidade alimentícia da família, até a recuperação de seu progenitor. Estas atitudes consideradas como solidárias pela marcadora desvelam a sensibilidade dessas pessoas em

aceitar o “outro” de forma incondicional, ou melhor, como legítimo outro nas palavras de Maturana (1998) e Barcelos (2008).

O compartilhar alimentos na convivência com o outro é expressão de acolhida afetiva e, ao compartilhar o “pão de cada dia”, cada ser se doa nessa relação que antes de tudo é uma relação de amor, de afeto, de cuidado.

Uma dessas relações de afeto se revela também nas atitudes caseiras de acondicionamento do “lixo” e das sementes. Nos domicílios, observei que cada casa tem uma despensa (foto 12). A despensa é um compartimento da casa onde se guardam utensílios velhos ou de pouco uso, mas também é o local onde se guardam alimentos comestíveis.



**Foto 12. Despensa**

Além disso, é o espaço da casa onde também são armazenados diversos tipos de resíduos sólidos para reaproveitamento, como revela a marcadora Carnáuba:

(...) a gente compra um refrigerante e a garrafa, a gente guarda, não joga fora , a gente guarda ela, tampadinha, na despensa, por que a gente quando vai plantar o feijão, a gente vai precisar dela , lava , deixa secar , em vez de comprar um tambor , é mais prático , está guardado , protege para não criar o cascudo, bem mais fácil de abrir (...).

Consta, a partir da fala da marcadora, que as práticas de reutilização da garrafa PET (foto 13) estão diretamente ligadas as atividades de subsistência do assentado. Portanto, a integração entre o cuidado com o “lixo” (garrafa), sua reutilização (como embalagem para as sementes) e destino (guardar na despensa) nos mostra que ainda há uma tendência natural desta população do campo de aproveitar o máximo tudo que lhe chega às mãos, por isto apresenta práticas de acondicionamento do “lixo” motivadas por manter e conservar o principal produto de subsistência da vida social comunitária: a semente.



Foto 13. Garrafas PET com sementes

A semente para o homem do campo é um bem de grande valor afetivo. É fonte de subsistência, de vida e de integração com a terra e com os outros. É cuidando, através do acondicionamento adequado das sementes na garrafa PET, que os assentados estabelecem interações humanas e afetivas com o “lixo”, dotando-o de significados e sentidos. A garrafa PET apresenta o significado semelhante ao de um depósito, onde se guardam as sementes para usufruto posterior, enquanto que os sentidos variam. Vai do sentido de proteção e cuidado com as sementes à praticidade no manuseio da garrafa.

As significações afetivas não se restringem apenas à garrafa PET, veremos no capítulo cinco, que trata sobre as representações sócio-culturais do “lixo”, que os demais componentes presentes no *menu* do “lixo” dos assentados também são dotados de sentidos diversos, ora atrelado às práticas na roça, domiciliares, ora como meio de integração social dos moradores.

Outro aspecto que nos chama atenção nas falas dos marcadores até o momento é o fato dos assentados não citarem nenhum aspecto pertinente a atuação parceira entre os órgãos públicos que prestam serviços técnicos no assentamento e os assentados, no tocante a questão do “lixo”.

Intrigada com este fato, busquei visitar as organizações governamentais e não governamentais que acompanham os processos de trabalho das famílias no assentamento com o objetivo de conhecer, na prática, como se operacionalizam as políticas públicas de reforma agrária, assim como as de gestão do “lixo” em áreas de assentamentos. Para isto, relato no capítulo seguinte as anotações de campo angariadas através das visitas institucionais aos principais parceiros que prestam assistência técnica, social e ambiental aos assentamentos na zona norte do Estado do Ceará.

## **CAPÍTULO 4: ASSENTAMENTO BOA ESPERANÇA-LAGOA DA MANGA E O CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE GESTÃO DO “LIXO”.**

Com base nas reflexões narradas até o momento, percebi que para, entender as interações humano-“lixo”-ambiente dos assentados ao longo dos tempos e suas práticas de cuidado com o espaço público e com o “lixo”, não basta apenas desvelar os aspectos intrínsecos da história do lugar-comunidade. Faz-se necessário também situar o contexto sócio-político da atualidade na qual se insere o assentamento, particularmente no que diz respeito às políticas públicas de gestão do “lixo” e suas diretrizes operacionais no Estado do Ceará.

Para isto, relato as visitas institucionais realizadas por mim, durante a pesquisa de campo, aos seguintes órgãos: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA-Ce), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-Ce), Secretaria Estadual do Meio-Ambiente (SEMACE), Associação das Cooperativas de Agricultores do Estado do Ceará (ACACE) e Prefeitura Municipal de Sobral.

### **4.1 A (in)existência de estatísticas oficiais do IBGE-Ce sobre a questão do “lixo” em áreas de assentamento.**

No dia 23/11/2009, realizei minha primeira visita. Fui ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-CE), objetivando o levantamento de dados sócio-econômicos, referentes às populações, especificamente do distrito de Aracatiaçu e da área do assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga.

Descobri que o IBGE-CE não dispõe de dados específicos das localidades e dos assentamentos em geral. Os dados coletados nos recenseamentos são divulgados publicamente apenas por distritos no *site* do IBGE.

Além disso, tais dados disponíveis sobre os distritos do município de Sobral são referentes ao Censo de 2000, pois em 2007 não foi realizada contagem em Sobral. Segundo os técnicos do IBGE, em 2007, somente os municípios com menos de 170.000 habitantes foram contemplados com o Censo Demográfico.

De acordo com o Censo-2000, a população total residente no município de Sobral é de 155.276 habitantes, sendo 75.275 hab. do sexo masculino e 80.001 hab., do sexo feminino. Os residentes na área urbana totalizam 134.508 hab., enquanto na área rural, 20.768 habitantes.

No que se refere ao “lixo”, o Censo-2000 revela apenas que as principais formas de destino final do lixo no distrito de Aracatiaçu são as seguintes: coletado por serviço de limpeza, coletado em caçamba de serviço de limpeza, queimado e enterrado na propriedade, jogado em terreno baldio ou logradouro, jogado em rio, lago, ou mar sendo os destinos de maior incidência no distrito, tanto em zonas urbana quanto rural, às práticas de queimar, enterrar na propriedade e jogar em terreno baldio ou logradouro.

Observei que o IBGE ainda não dispõe de informações específicas das áreas de assentamento, como também em seus levantamentos estatísticos se limitam apenas a identificar o destino final dos resíduos sólidos. As informações sócio-econômicas colhidas acerca dos assentados e de suas práticas com o “lixo” são obtidas através dos documentos encaminhados pelos assentados ao INCRA, como o Plano de Recuperação do Assentamento (PRA) e o Plano de Desenvolvimento Social (PDS).

Nesses documentos, datado de 2006, somente é exposto sucintamente que 50% dos assentados enterram o “lixo” e os demais o queimam, revelando que estes documentos assim como os dados dos IBGE pouco descrevem a situação real do “lixo” em termos de acondicionamento, disposição e destino final na área do assentamento Boa esperança-Lagoa da Manga.

#### **4.2 As delegações de ações sócio-ambientais do INCRA-Ce às ONG's contratadas.**

Durante duas visitas institucionais realizadas em 30/11/2009 e 08/12/2009, tendo como *leitmotiv* o objetivo de entender a dinâmica de concessão de terras legitimadas pelo INCRA, conversei com alguns técnicos que lá estavam e fui informada pelo orientador de projetos do INCRA que, para compreender a dinâmica operacional do órgão em articulação com as áreas de assentamento era necessário primeiramente ter contato com a equipe de articulação regional do INCRA que atua na área de cobertura da região norte do Estado do Ceará. Cada equipe de articulação é composta por quatro técnicos, sendo um agrônomo, um administrador, um advogado e um economista que auxiliam em termos técnicos e jurídicos os assentamentos da zona norte do Estado do Ceará.

Ao indagar a equipe acerca dos projetos, programas e ações voltados para a questão do “lixo”, fui informada, que o INCRA não desenvolve diretamente projetos, programas e ações sócio-ambientais-formativas voltadas especificamente para os resíduos sólidos, assim como o setor de meio-ambiente, segundo informações colhidas, não apresenta também nenhuma ação técnica-social e ambiental que contemple a questão do “lixo” nas áreas de assentamento.

Este setor, apesar de se interligar com os demais setores do órgão, se articula apenas para demarcar as reservas ambientais, encaminhar as licenças e averiguar as áreas de preservação permanente e as de desmatamento.

Segundo informação, a questão dos resíduos sólidos é destacada apenas nas condicionalidades para a concessão da Licença de Instalação e Operação (LIO)<sup>23</sup> que determina o cuidado com o destino final das embalagens de agrotóxico.

O INCRA, desde 2007, vem firmando convênio com o SEBRAE, para que o mesmo, através de licitação, contrate prestadores de serviços que atuem nas áreas social, técnica e ambiental nos assentamentos e que, por sua vez, execute serviços de consultoria junto aos assentados. Como o efetivo de servidores públicos do INCRA é insuficiente, este convênio (INCRA-SEBRAE) possibilita contratar, via licitação, pelo SEBRAE, serviços qualificados como os serviços das Organizações Não-Governamentais ( ONG`s), como a ONG- ACACE( Associação das Cooperativas dos Agricultores do Estado do Ceará), para implantação, capacitação e acompanhamento dos assentados na execução das ações técnica, social e ambiental.

As ONG`s terceirizadas (ACACE, Terra 3) estão ligadas ao MST que conjuntamente com o SEBRAE coordenam projetos e programas a partir das diretrizes do Ministério da Agricultura e do órgão executor das políticas de Reforma Agrária (INCRA) que orienta e fiscaliza as ações desempenhadas pelos conveniados nos assentamentos.

No caso do assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, o INCRA, desde 2007, firmou convênio com o SEBRAE possibilitando a este órgão contatar, via licitação, empresas

---

<sup>23</sup> A princípio, para se criar um assentamento é preciso obter a licença de Instalação e operação (LIO). Esta licença é emitida somente com a aquisição do documento de licença prévia concedido pela SEMACE, que exige o PDA do assentamento para liberação. O INCRA tem 30 dias para tramitar o processo para a concessão da LIO, após receber a licença prévia da SEMACE. A licença prévia para desmatamento e ocupação da área é publicada em jornal quando da saída da licença prévia e quando do envio para solicitação da LIO.(Ver legislação) A LIO para ser concedida apresenta alguns condicionantes como : afixar as placas de identificação nos assentamentos, descrever o destino de embalagens de agrotóxicos etc. No momento, em termos de resíduos sólidos não há expressão significativa na legislação para concessão do licenciamento de instalação e destino dos demais resíduos sólidos.



de assistência técnica terceirizadas para a implantação, capacitação e treinamento dos assentados nas ações de atenção técnica, social e ambiental.

Especificamente, no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga, o Plano de Reforma Agrária (PRA) foi elaborado pela ONG Terra 3, com sede em Santana do Acaraú, após um longo processo de discussão coletiva das necessidades e potencialidades das 62 famílias residentes no assentamento, conjuntamente com os técnicos do Banco do Nordeste, enquanto agente técnico de desenvolvimento que repassa recursos financeiros as áreas de assentamento, e à Secretaria de Agricultura da Prefeitura Municipal de Sobral.

Neste documento PRA (2006), a comunidade de assentados não elegeu a questão dos resíduos sólidos como problema prioritário de atuação da ONG ACACE, o que a princípio justificaria o fato da ONG não atuar nesta frente.

Desde 1997 até hoje (maio de 2010), os assentados em parceria com a ACACE e os técnicos do INCRA desenvolvem ações coletivas quer no âmbito ambiental, social quer educativo. Porém, ainda é delegada às ONG's a operacionalização e a execução de ações sócio-ambientais voltados para o "lixo" nos assentamentos, cabendo ao INCRA apenas fiscalizar e oferecer apoio técnico específico.

#### **4.3 As delegações das políticas de gestão do "lixo" da SEMACE aos municípios.**

No dia 08/02/2010, realizei minha quarta visita institucional à Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Ceará (SEMACE) com o intuito de conhecer as políticas e programas desenvolvidos pelo Estado do Ceará referente à questão dos resíduos sólidos nas áreas de assentamento.

Ao conversar com o técnico da instituição, tive acesso à lei estadual nº 13.103/2001 que regulamenta as diretrizes para a Política do Estado de Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos<sup>24</sup> em consonância com a legislação federal. Durante o encontro com técnicos do órgão, fui informada que não existe nenhuma ação direta do órgão quanto a projetos, programas e ações sócio-ambiental-formativas sobre resíduos sólidos em áreas de assentamentos.

---

<sup>24</sup> Esta lei estadual define as diretrizes e normas de prevenção e controle da poluição ocasionada pelos resíduos sólidos, objetivando a proteção e recuperação da qualidade do meio ambiente e a proteção da saúde pública, assegurando o uso adequado dos recursos ambientais no Estado do Ceará.

A única informação nessa questão se refere à concessão de incentivos fiscais, como o ICMS-Ecológico. Este incentivo consiste em estimular os municípios do Estado do Ceará a investir em programas e ações de coleta seletiva e na implantação de aterros sanitários. Portanto, o órgão informa que cabe ao município implantar sua política de gestão integrada dos resíduos sólidos nas áreas de sua abrangência.

Em visita à Prefeitura de Sobral, no dia 04/03/2010, contabilizando ao todo minha oitava visita, soube que a gestão municipal investe em políticas públicas voltadas para a coleta seletiva somente na sede do município, enquanto que nas áreas dos distritos apenas é direcionado o caminhão para coleta e transporte do resíduo sólido ao aterro sanitário. Contrariando esta informação, a marcadora Carnaúba informa que no assentamento “(...) não existe dia de coleta do lixo, a prefeitura não encaminha um caminhão de coleta, ele vai só para a sede do distrito de Aracatiaçu (...)”. Portanto, percebe-se que as políticas públicas de incentivo à gestão dos resíduos não chegam às áreas de assentamento, ficando restritas somente à sede do Município e às sedes dos distritos, não contemplando todo o contexto geográfico dos distritos.

Além da inexistência de dados oficiais sobre a questão do “lixo” nas áreas de assentamento, ainda observei, quanto ao contexto da execução das políticas públicas sobre a gestão dos resíduos sólidos, as delegações de atribuições de um órgão para outro, contratando serviços de terceiros para executar aquilo que é de sua competência, como no caso do INCRA com as ONG`s.

Além disso, a partir das visitas institucionais, pude perceber que, na prática, a execução das políticas de gestão do “lixo” se dá de forma incipiente; isolada de outras políticas, como as políticas sociais, de saúde e de educação; dissociada da realidade social, revelando um total desconhecimento dos contextos sócio-culturais locais e, principalmente, limitada a conceder licenças e incentivos financeiros, atendo-se aos aspectos práticos da administração pública em detrimento de uma visão integral e intersetorial, no qual requer os olhares sobre a questão do “lixo” na atualidade, o que revela que as ações do poder público ainda são pontuais em se tratando das zonas rurais e, nas áreas de assentamento, são totalmente esquecidas e negligenciadas pelo atual Estado moderno.

Se as políticas públicas frente à questão do “lixo” na atualidade não alcançam as áreas de assentamento, então, quem está hoje gerindo as questões do “lixo” nesses espaços? Quem cuida dos espaços públicos e do “lixo” da comunidade? Que hábitos, costumes e práticas permeiam as interações humanas-“lixo” nas áreas de assentamento, particularmente, no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga?

Para responder as essas reflexões, inicio no próximo capítulo uma descrição minuciosa dos hábitos, costumes e práticas frente ao “lixo”, ressaltando tanto as representações sócio-culturais que permeiam as interações dos marcadores com o espaço público e com o “lixo” doméstico, quanto os contributos pedagógicos dessas reflexões para a Educação Ambiental.

## **CAPÍTULO 5: AS INTERAÇÕES HUMANO-“LIXO” NO ASSENTAMENTO: DAS REPRESENTAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS AOS HÁBITOS, COSTUMES E PRÁTICAS FRENTE AO “LIXO”.**

Faz-se necessário elencar as categorias das representações sócio-culturais do “lixo” neste trabalho dissertativo, pois percebi, com base nas narrativas dos marcadores do discurso do lugar e das visitas institucionais, que após o processo de implantação do assentamento e da ordenação das ações, quer sociais, ambientais e formativas, novos modos de vida foram se delineando paulatinamente nas relações internas - entre moradores antigos e ex-acampados - e externas – entre os assentados e o poder público.

A dimensão interna desta relação nos remete a idéia de que a comunidade, naquele momento, apresentava um grande desafio para estruturação da vida social e produtiva do assentamento. Este desafio, a meu ver, se inscreve na habilidade do grupo de assentados em integrar a diversidade de pensamentos, significados, sentidos e afetos atribuídos ao lugar-comunidade e às pessoas ao longo da trajetória de inserção no assentamento.

Esta multiplicidade de pensamentos, sentidos e afetos sofrem metamorfoses e transformações diversas ao longo da experiência de vida cotidiana dos assentados resultando em representações mentais do social que, segundo Serge Moscovici (1978) Soares( 1995); Minayo (2008), são compostas de significados e sentidos que geralmente determinado grupo atribui a um certo fenômeno social.

Pensando assim, ao integrar as representações sociais e a dimensão da cultura, denominado no trabalho de representações sócio-culturais, busquei desvelar o saber do senso-comum, pautados na interação social do dia-a-dia, e que estão ancorados nos hábitos, nos costumes e nas atitudes das pessoas. Para isto, “descrever para compreender é um imperativo” (Geertz, 1978), valorizando o patrimônio imaterial dos atores sociais como os modos de vida, a organização social, as crenças e seus valores.

Partindo, então, dessas premissas, pretendi descrever as percepções, os hábitos, costumes e atitudes dos marcadores frente ao “lixo” doméstico e, para isto, foi indagado inicialmente qual a compreensão de cada um sobre o que é “lixo”.

Eis a fala dos Marcadores :

O lixo daqui, geralmente é mais talvez o plástico, papelão, **muita sujeira, principalmente sujeira de animal (grifo meu)**, essa parte aí também já tem a história do estrumo, a pessoa bota no curral, já vende , já faz aproveitar , bota numa planta , já aproveita... Tem comida que bota pro animal, pro cachorro, gato, o animal já come, sacola, saco plástico, às vezes, um balde quebrado, tudo gera lixo , né? Tem o papel da própria escola, que é queimado (Marcador Juazeiro- 41 anos ).

Lixo era **sujeira (grifo meu)**, era juntar e jogar fora, lixo era papel , garrafa , saco plástico , aquilo que eu não precisava mais (..) (Marcadora Carnaúba, 43anos).

Percebi que o marcador ao ouvir a pergunta, associa imediatamente com o tipo de “lixo” que é descartado pela comunidade. Observei, também, ao longo das entrevistas, que os marcadores apresentavam dificuldades de entendimento quando é utilizado nas perguntas o termo resíduo sólido e, devido a esta observação, foi utilizado durante as entrevistas o termo “lixo”. Entretanto, mesmo utilizando um termo mais próximo do cotidiano lingüístico da comunidade; em alguns momentos, percebia que eram termos ainda distantes da compreensão do marcador.

Ao longo das entrevistas constatei que o termo mais adequado é o termo sujeira e não “lixo”. Esta representação do que é “lixo”, como sinônimo de sujeira está presente claramente nas falas dos marcadores. Tendo-se chegado a este entendimento, constatei que a mesma representação de “lixo” como sujeira, foi identificada na pesquisa intitulada Lixo no Lixo: Estudo dos condicionantes da relação homem-lixo (CAVALCANTE, 1998), realizada na região pesqueira e turística da Prainha, em Aquiraz-CE.

Nessa pesquisa, 50% dos moradores antigos da localidade, consideravam o lixo como sujeira, como algo inútil e indesejável pelo gerador. Apesar de se tratar de uma população que reside em uma zona litorânea, observei que a representação do “lixo” como sujeira está presente tanto no litoral quanto no sertão cearense.

Baseado nesse conceito de “lixo”, os marcadores ressaltam também o *menu* do “lixo” doméstico produzido pelos assentados, destacando: o plástico, o papelão, as sacolas, os sacos , vidros e sujeiras diversas como as fezes de animais e restos de comida, entretanto, o marcador Juazeiro enfatiza que tanto as fezes quanto as sobras/restos de comida são reaproveitados naturalmente no dia-a-dia.

No caso das fezes de animais, como as fezes do gado e das ovelhas, se torna estrumo, adubo para plantas ou é reaproveitado como cobertura do chão no curral. É freqüente encontrarmos fezes de animais (gado e ovelha) nos espaços públicos, principalmente próximo aos currais, porém a comunidade não considera aquele espaço sujo. É incentivado que as fezes permaneçam no solo, servindo de adubo, haja vista que boa parte da terra ainda se encontra em processo de recuperação.



**Foto 14 Galinha**



**Foto 15 Periquito**

Quanto aos restos de comida, hoje, os assentados criam animais domésticos (fotos 14 e 15) que comem os restos de comida. Todo alimento que sobra e não pode ser reaproveitado para o outro dia é utilizado como complemento alimentar para esses animais.

Entre os principais animais que hoje residem nos terreiros e quintais dos domicílios, encontramos o cachorro, que tem a função de proteção da residência. Ele avisa, ao latir, quando da chegada de alguém estranho. Esse animal geralmente fica no terreiro e se limita a transitar no alpendre. Já o gato e o periquito parecem ser os animais de estimação que ficam no interior do domicílio, sobre os sofás, cadeiras e os que recebem o afago das pessoas.

Quanto aos animais do quintal (galinhas, patos, marrecos), além de fornecerem também proteção à família, são a fonte de complementação alimentar para a maioria dos assentados. Portanto, os assentados, assim como os povos do campo em geral, ainda mantêm essa relação afetiva intrínseca no cotidiano com os animais domésticos, que portanto, são os primeiros a serem contemplados com a sobra/ restos dos alimentos.

Além disso, o *insight* do marcador Juazeiro ao perceber que tudo gera “lixo” nos remete a idéia de que as pessoas já se dão conta da geração desenfreada desses resíduos no

campo, assim como também já desenvolveram por conta própria alguns hábitos pró-ambientais<sup>25</sup> frente ao “lixo” produzido.

Em relação às garrafas PET, os assentados reutilizam para armazenar as sementes de feijão, milho ou utilizam como instrumento de medida. Na comercialização, de um litro de feijão, por exemplo, é medido na garrafa PET de dois litros que equivale a dizer que está vendendo 1 kg de Feijão.



Foto 16. Garrafas guardadas nos surrões.



Foto 17. Garrafa PET utilizada como telha.

Usam-na também como garrafa para colocar água na geladeira, como ornamentos artesanais, como telha (foto 17), como funil. Geralmente, as garrafas são guardadas em surrões que ficam no quintal (foto16), até serem utilizadas para uma das práticas descritas acima.

Ainda sobre as garrafas PET, os marcadores Juazeiro e Jandaia nos falam:

Marcador Juazeiro: (...) **A gente usava muito a chamada cuia, a cabaça (grifo meu)**, para carregar água, hoje é uma garrafa de plástico, até a semente na hora de plantar a gente usava a cabaça e hoje é um depósito de plástico. Mudou muita coisa.

Marcadora Jandaia: De primeiro a gente pegava água no rio, cacimba, na lata de querosene grande e na cabaça. Tirava água com a cabaça e colocava na lata. Isso de primeiro.

Esse trecho do diálogo entre os dois marcadores e a pesquisadora nos chama atenção para a realidade que hoje se observa no campo. Mudanças referentes à perda de instrumentos que o homem do campo retirava da própria natureza, como a cabaça, que além de auxiliar nas atividades produtivas cotidianas contribuía para conservar o espaço natural, pois ao descartar a cabaça velha não causaria danos graves ao meio-ambiente, diferente da garrafa de plástico.

<sup>25</sup> Práticas Pró-ambientais correspondem “(...) as práticas que fazem com que o indivíduo respeite o meio ambiente e adote comportamentos que sejam, por exemplo, de restrição do uso de água, de triagem do lixo entre outros.” (MOSER,1998,p.124)

A partir da revolução industrial, segundo Branco (1990); Barbosa(1994), Kuhnen (1995); Dias (2002), com a consolidação do capitalismo, sistema sócio-econômico dominante, o “lixo” passou a ser um problema em todos os quadrantes do mundo, principalmente, com a produção acelerada de produtos alimentícios industrializados, cujas embalagens fabricadas com produtos sintéticos passaram a compor o atual “lixo” das grandes e modernas cidades.



**Foto 18. Comunidade de Campos Belos em Forquilha. Disposição do “lixo” às margens da rodovia CE 55**



**Foto 19. Lixeira de uma residência**



**Foto 20. Açude Santarém**

Com a presença desses resíduos no “lixo” das residências, principalmente, das garrafas PET, percebi que com o crescimento dos conglomerados urbanos, não se consegue parar de produzir “lixo”. Conforme foto 18, esta realidade parece ter chegado ao âmbito rural e não se configura mais como um problema único e exclusivo das cidades urbanas.

A comprovação desse fato também está hoje nos domicílios do assentamento. Ao observar o “lixo” nas lixeiras das casas (foto 19), o “lixo” que está acondicionado no quintal (foto 22) ou guardado na despensa ou em surrões, percebe-se que as embalagens de vidro, lata e plástico são decorrentes de produtos industrializados – milho em conserva, óleo, cerveja, refrigerante - comprado e consumido pelos moradores residentes na zona rural.

Entretanto, a quantidade de “lixo” disposta nos espaços públicos do assentamento é praticamente inexistente, comparado com a comunidade de Campos Belos (foto 18), localizado a 10 Km do assentamento. O cuidado com o “lixo” doméstico é de responsabilidade do assentado que, por si só, desenvolve hábitos de acondicionamento, disposição e destino final adequados ao contexto.



Foto 21. Sacos de plástico no fogão a lenha.



Foto 22. Depósito de latas no quintal.

Quanto aos sacos plásticos de pacote de arroz, macarrão, açúcar e biscoito, o destino final é a queima no fogão a lenha (foto 21), assim como o papel. Embora a queima desses materiais tóxicos não seja indicada, principalmente, dentro do domicílio, para os marcadores é uma prática melhor do que enterrar e queimar, pois a prioridade é não poluir o ambiente natural-físico.

Quanto à sacola de plástico, através de conversas informais, percebi que é o material que mais circula nas residências. Não vai para o lixo, não é queimado e nem enterrado. Como a comunidade vive também da pequena comercialização de produtos gerados na agricultura, este material, serve para que as pessoas possam transportar os alimentos comercializados de um lugar para outro, evitando levá-los nas mãos. Sobre este aspecto vale ressaltar a reflexão no diálogo entre a pesquisadora e a marcadora Jandaia:

Pesquisadora: Eu lembro que o meu avô não usava sacola de plástico, era de palha e ele levava para todo lugar. Até hoje ele usa essa sacola na feira. Hoje não se utiliza mais isso.

Marcadora Jandaia: **A minha mãe tinha uma bolsa**, quando ela ia para Groaíras fazer compras, ela levava e trazia dentro dela. **Era uma bolsa, não era de plástico, era de palha de carnaúba (grifo meu).**

Assim como a cuia-cabaça perderam sua funcionabilidade no cotidiano das atividades domésticas do campo, a sacola de palha também foi sendo substituída pela sacola de plástico o que demonstra que o costume tradicional do homem do campo de andar com a sacola confeccionada com palha de carnaúba para ir a feira está cedendo espaço para a sacola de plástico. Portanto, a sacola confeccionada com palha de carnaúba, biodegradável, representativa da cultura e do artesanato local, produzida pelos povos do campo, é trocada naturalmente pela sacola industrializada, produzida sinteticamente e não biodegradável.



Com o aumento destas sacolas de plástico, a comunidade se adapta a esta realidade, usa-as e reutiliza-as, adaptando as atividades da vida diária de forma que evitam, pelo menos momentaneamente, o descarte e a queima.

Um dos contributos dessas questões para a Educação Ambiental é perceber que o processo de “plastificação” começa a constituir o cotidiano da vida do campo, com o direcionamento da utilização desenfreada de sacos plásticos, garrafas PETs e outras embalagens plásticas, o que faz emergir a necessidade de reflexões, mobilizações e debates sobre o tema de forma que os assentados possam perceber que a entrada do “lixo” industrializado no campo descaracteriza e suprime os produtos e instrumentos advindos da natureza que auxiliam na conservação do espaço público e da cultura dos povos do campo.



Foto 23. Balde de plástico utilizado como jarro



Foto 24. Lixeira do domicílio

Quanto às embalagens de plástico do óleo do trator, a comunidade reutiliza. Em cada casa, este garrafão de plástico é cortado e se transforma na lixeira da casa (foto 24), que fica geralmente embaixo das pias de lavar louça ou no quintal, próximo a porta. Esses baldes também são reutilizados como jarros de plantas que ajudam a ornamentar a varanda das casas, conforme foto 23.

Quanto aos restos de panos, roupas velhas e chinelos, geralmente é hábito transformar os panos velhos em pano de chão, ou são feitos retalhos que se tornam matéria-prima para confecção de fuxicos e tapetes.

No entanto, pouco se aproveitam nos dias atuais esses materiais quando comparado com as práticas tradicionais da mulher no campo, na visão da marcadora Jandaia, que, ao ser indagada sobre as lembranças que tem referentes às aprendizagens angariadas com sua mãe, relata:

Marcadora Jandaia: Eu aprendi a fazer as coisas de casa , ela tentava para que eu aprendesse costurar na mão remendo em roupa, puxava punho de rede. **A gente rasgava uma roupa, ficava um buraco, a gente remendava o buraco, botava um pedaço de pano. Papai rasgava a calça no roçado e botava remendo no buraco. (grifo meu)**

Pesquisadora: Então os pedaços de pano sempre eram guardados, e não ia ao lixo?

Marcadora Jandaia: Ela guardava as roupas, lavava as roupas do serviço e media na mão o buraco e cortava os pedaços de pano.(...)

Assim como a cuia/cabaça, a sacola de palha, quanto os panos /retalhos velhos estão perdendo sua funcionabilidade na vida sócio-laboral do trabalhador rural, hoje assentado. As práticas tradicionais de reaproveitamento de tecidos aprendidas no seio da família e repassadas de geração a geração, parece ter seu ciclo quebrado a partir do momento em que as pessoas passaram a ter acesso a lógicas modernas, a melhores condições financeiras de vida, valorizando ter um produto novo em detrimento do produto antigo, que geralmente vai ao “lixo”, e o seu reaproveitamento para as gerações jovens, como os filhos da marcadora Jandaia, é sinônimo de desqualificação humana e social, de acordo com o diálogo abaixo:

Pesquisadora : E quanto a chinelos, sandálias?

Marcadora Jandaia: Vai para o lixo. Não serve mais vai para o lixo. **Eu lembro muito quando eu era pequena, que a gente quebrava o cabresto da chinela, aí a mamãe, não era naquele momento que tinha dinheiro para comprar outra, ela pegava queimava a ponta do cabresto no fogo, pregava na chinela até ela ter dinheiro para comprar outro para dar para gente. Hoje não, um filho da gente chega em casa com a chinela quebrada e diz pai minha chinela quebrou, não quero mais ela não. E o pai diz, eu vou pregar , aí eles não aceitam não, o pessoal na escola vai mangar (grifo meu).** E não aceitam, não. Quer que compre outra.

Se os panos, retalhos e chinelos não são de todo reaproveitados, então para onde estão sendo conduzidos? A marcadora relata que em uma comunidade distante onde reside sua mãe, o pano que não é reaproveitado, está sendo lançado ao rio, no momento da lavagem de roupa, sem preocupação nenhuma quanto ao descarte do mesmo no ambiente. Enquanto que, no assentamento, esses resíduos são queimados, conforme o relato da marcadora Jandaia:

Pesquisadora: E na tua casa , em relação ao resto de roupa ? O que vocês fazem ?

Marcadora Jandaia: Queimam. Mas na casa da minha mãe, as pessoas hoje jogam no rio. Alguns panos a gente aproveita para passar pano no chão. Aquelas roupas que não dá para aproveitar as pessoas lá jogam no rio . Mas aqui mesmo eu queimo.

O “lixo” no assentamento é bastante diversificado e é um “lixo” industrializado. Encontramos também, além dos materiais citados, um tipo específico de metal. Esse metal é decorrente das peças, pedaços que não servem mais da bicicleta e das motocicletas. O uso da bicicleta e mais recentemente da moto em substituição ao animal (jumento), como meio de transporte proporcionou por um lado à rapidez no deslocamento das pessoas, entretanto os

resíduos decorrentes, como peças, pedaços da laticia da bicicleta e da moto, são despejados no ambiente quando não existe outro espaço para despejo.

O marcador Juazeiro relembra que “quando não existia essa história de açude. Um açude era a coisa mais difícil do mundo. E para ir, a gente tinha que ir a pé ou de burro, cavalo, hoje é bicicleta, inclusive raramente. Hoje é a moto”.



**Foto 25. Frente de uma residência e a bicicleta estacionada**

Assim como a cabaça, a sacola de palha de carnaúba e os retalhos, os animais principalmente o jumento, símbolo de resistência e trabalho no sertão, são aos poucos esquecidos e substituídos pela bicicleta (foto 25) e, mais recentemente, pela moto.

Quando interpelado quanto aos produtos alimentícios industrializados consumidos no assentamento, os marcadores são unânimes na explicação: (...) Nem tudo nós produzimos no assentamento (...). Portanto, o “lixo” no assentamento é considerado como decorrente das atividades da vida doméstica diária, como também é resultado das aquisições de novos padrões de comportamento consumidor não típico dos povos do campo, como consumidores de cerveja em lata, refrigerante.

O assentamento não tem coleta, não tem aterro, e não conta com a ajuda de nenhuma política pública que oriente e esclareça ao assentado. Todo o cuidado e reaproveitamento se dão por conta dele. Nas residências, cada família é responsável por acondicionar, armazenar e dar um destino possivelmente adequado ao “lixo”.

Para se entender como se dá a geração, separação, coleta e destino do “lixo” no domicílio, é importante relatar os costumes das mulheres em casa quanto às práticas de cuidado com o terreiro e com o interior do domicílio.

A mulher geralmente é o membro da família responsável por esta tarefa. Ela, por estar mais próxima aos afazeres domésticos - cuidando da casa e da alimentação da família - desenvolve um jeito de ser para varrição da casa e separação do “lixo” domiciliar, conforme descreve a marcadora Carnaúba nas reflexões, a partir do diálogo abaixo:

Pesquisadora: Você falou antes uma coisa tão interessante que não sai da minha cabeça, que as mulheres têm um costume de varrer a casa. Como é mesmo?  
 Marcadora Carnaúba: É, do alpendre vai para o terreiro pois é só areia. Da minha primeira sala vai para o quintal, e lá separa o lixo. Vai areia, plástico, vai tudo e lá no quintal vai queimar, não é aquele fogo, pois não se deixa acumular, é fogo pouco. E todas fazem isso, é assim que a gente varre a casa.

Como percebi, esta estratégia de varrição, é costume na comunidade. Diferentemente de outros espaços, no domicílio, a mulher durante a execução de uma atividade doméstica, realiza a separação dos resíduos sólidos e o que chega para a queima é o que não pode ser reutilizado, ou seja, pequeníssima parte de todos os resíduos.

Esta descrição minuciosa da prática de varrição do domicílio, desempenhada pelas mulheres revela que o cuidado com a limpeza da casa, do terreiro e do quintal é atribuição da mulher. A mulher é a gestora do “lixo” no domicílio, desde a limpeza da casa, coleta, acondicionamento até o destino final, que geralmente é a queima.

A mulher é a força produtiva do assentamento. É dona-de-casa, desenvolve os afazeres domésticos como cozinhar e lavar roupa, cuida dos filhos e marido, trabalha na cooperativa de castanha e faz parte juntamente com os homens da operacionalização das ações acordadas com o INCRA para o desenvolvimento da agricultura familiar no assentamento.

Além das funções desempenhadas, a mulher é referência no cuidado com a casa. Limpa desde o terreiro da casa até o quintal, não ficando de fora os espaços públicos no entorno da casa. A limpeza pública das ruas também é realizada pela mulher, como relata o marcador Juazeiro, após interpelar sobre a varrição das ruas no assentamento:

Marcador Juazeiro- Quem cuida da limpeza do assentamento é o assentado.

Pesquisadora- Eu lembro que uma vez, eu vim ao assentamento e vi às 17:00 horas que **as mulheres começavam uma varrição das ruas? (grifo meu)** Ainda existe esta prática aqui?

Marcador Juazeiro - Existe sim. Elas fazem sim, é mais no fim de semana. E às vezes na semana. Muitas trabalham aqui na cooperativa e aí ficam sem tempo pra isso. Fica mais pro final de semana.

Esta prática de varrição das ruas sempre esteve presente na rotina de trabalho das mulheres no assentamento. Porém, devido à chegada da cooperativa de castanha, essa rotina

foi modificada. Se antes a varrição se dava todos os dias às 17:00, hoje se concentra no final de semana. A cooperativa (foto 26) é o espaço atualmente em que grande parte dos jovens e das mulheres se concentra na execução da atividade principal da cooperativa: a separação de castanhas boas para comercialização, recebendo por este trabalho a quantia de R\$100,00 em média, por quinzena.



**Foto 26. Cooperativa de castanha**

Toda a castanha da cooperativa é direcionada para uma empresa de castanha na cidade de Forquilha, cujo produto é acondicionado e encaminhado para o mercado internacional. Os assentados trabalham somente durante o dia e recebem por produção. O regime de trabalho é baseado na prestação de serviços, sem a garantia de nenhum direito trabalhista.

A mulher é maioria no desempenho desse trabalho na cooperativa e, portanto, está submetida ao referido regime de produção. Não tem garantia alguma trabalhista, o que ganha é em decorrência do seu trabalho. A mulher é a mão-de-obra indicada no assentamento para o desempenho das atividades da cooperativa, principalmente, quando se trata da industrialização da castanha. No assentamento, não existe plantação de caju. Toda a castanha é encaminhada pelas empresas que, através de convênio, contratam os serviços da cooperativa.

A partir das conversas informais, a cooperativa foi à forma encontrada pelos assentados para garantir uma melhoria na geração de renda das famílias. A terra na qual plantam não apresenta o rendimento suficiente das culturas que garanta o sustento da família e, como não podem desmatar outras áreas para o cultivo, optaram pela cooperativa como forma de gerar emprego e renda para os jovens e mulheres da comunidade.

Com a chegada da cooperativa, alguns jovens preferem trabalhar com a castanha do que na roça. As mulheres que antes desenvolviam trabalhos artesanais como crochê, fuxico pararam suas produções pela falta de mercado consumidor e pelos baixos rendimentos que adquiriam e optaram por aderir ao sistema de trabalho cooperado.

Com a falta de terras produtivas, os assentados acabam por se submeter ao regime de trabalho precarizado, sem garantias trabalhistas, e a mulher, enquanto força produtiva no assentamento, é a mão-de-obra explorada, além de deter o maior número de papéis e atribuições na vida sócio-comunitária do assentamento.

Foi a partir dessa imersão no cotidiano, objetivando a busca pelos hábitos, costumes e práticas frente ao “lixo”, que descobri também que as atribuições das mulheres no assentamento não se limitam aos afazeres domésticos e às atividades na cooperativa de castanha. Elas desenvolvem práticas sócio-culturais também de cuidado frente ao espaço público do assentamento, como a varrição das ruas.



Foto 27. Espaço público do assentamento



Foto 28. Espaço público do assentamento

A varrição dos espaços públicos no assentamento é uma prática desenvolvida pelas mulheres e, em sua minoria, pelas crianças. Antes da implantação da cooperativa, era costume as mulheres saírem às principais ruas do assentamento para a realização da limpeza pública do espaço físico. Como não existe coleta, containeres e nenhum tipo de limpeza pública realizada pela Prefeitura de Sobral, os assentados se organizam para manter limpo o ambiente natural próximo às casas (fotos 27 e 28)<sup>26</sup>.

Nessa tarefa, a mulher se destaca. Ela realiza a varrição das ruas de forma coletiva. É costume as mulheres varrerem o terreiro em frente a casa, entretanto, às 17:00, saem às ruas da sede do assentamento para a varrição diária. Antes da implantação da cooperativa, esta

<sup>26</sup> As fotos 27 e 28 retratam os espaços limpos do assentamento que passam pela prática da varrição. A intenção era fotografar o momento da realização da atividade, porém as mulheres não se sentiam à vontade para serem fotografadas e, portanto, foi fotografado somente o espaço físico depois da varrição.

prática de varrição era diária, porém nos últimos tempos, as mulheres, em média oito, estão se restringindo a fazerem este serviço aos finais de semana, haja vista que estão com a carga horária semanal, de segunda à sexta, de 8:00 às 17:00, trabalhando no trato com a castanha.

A inserção deste novo modo de vida, enquanto cooperados, alterou as práticas de cuidado com o espaço público, porém esse cuidado ainda se mantém em uma frequência menor. As mulheres, provedoras da família, são as que mais gostam e se interessam pela atividade. As crianças participam de forma menos efetiva. Brincam com os galhos, pegam a vassoura de cipó, varrem um pouco, levam água para as mães, ou seja, dão o apoio as mulheres quando necessário.

Esse momento é festivo, como pude observar, e não de trabalho no sentido de fardo ou algo desagradável. Existe uma satisfação por parte da mulher na execução desta atividade. Elas saem às ruas, gritando pelas outras e geralmente vestidas com roupas compridas e panos amarrados na cabeça cobrindo o rosto para se proteger do contato com a poeira nas varrições. As crianças que também participam da atividade seguem o mesmo procedimento.

Esta prática de varrição das ruas, de limpeza e cuidado, apesar de ser inusitado para algumas pessoas que não vivem no assentamento, é uma prática comum no campo que começa desde o domicílio com a técnica de varrição da casa, já descrita anteriormente, passa para o terreiro da casa e, por fim, se estende às ruas.

As mulheres mantêm essa relação de limpeza e cuidado com a casa, o terreiro e a rua no cotidiano, como tradição, e, ao mesmo tempo, são as mantenedoras dessa prática junto às crianças e jovens assentados. As mulheres são as únicas que realizam tal atividade, mesmo assumindo outras tarefas, como as atividades na cooperativa, sem nenhuma imposição quanto à realização da limpeza das ruas. E, ao mesmo tempo, são as mediadoras do processo de ensino-aprendizagem da varrição sendo a filha pequena iniciada muito cedo nessa prática.

Apesar de o marcador Juazeiro enfatizar que são os assentados que cuidam da limpeza do lugar, no dia-a-dia, quem desempenha tal atribuição é a mulher, conforme o próprio discurso do marcador anteriormente.

Embora seja atribuída a limpeza das ruas a todos os assentados, percebi que somente a mulher se divide na realização das atividades de cuidado e limpeza com o espaço físico. O contato da mulher com os afazeres domésticos e com o campo acontece também muito cedo. A menina, em tempos anteriores, ainda em tenra idade, era levada pelos familiares para aprender a trabalhar na roça, conforme revela o depoimento da marcadora Jandaia:

Marcadora Jandaia: Ele me levou para o roçado, e me levou com ele e meus dois irmãos para capinar. Chegando lá fui tentar capinar e ele brigando, você sabe como é, naquele tempo, não é como agora, os pais era muito ignorante com os filhos, eu fui tentar capinar com inchada e não conseguia, eu tentava capinar e batia era no pé. Meu irmão mais velho dizia arranca o mato com as mãos. Aí eu fui e fiquei de cócoras e tirava o mato com as mãos. E fui aprendendo a trabalhar na roça (...)

Desse modo, a menina é iniciada nas atividades da roça, assim como o homem. Entretanto, é iniciada também nas atividades domésticas. Nesse espaço privado, ela aprende tanto a cozinhar, lavar, cuidar da casa e dos homens da casa.

Além disso, as práticas de acondicionamento e destino final do “lixo” também são iniciadas e adquiridas a partir da apreensão dos hábitos e costumes dos familiares, repassadas de geração a geração, conforme nos fala a marcadora Jandaia, em relação ao aproveitamento e destino de panos e retalhos:

Marcadora Jandaia: Eu aprendi a fazer as coisas de casa, ela tentava para que eu aprendesse costurar na mão, remendo em roupa, puxava punho de rede. A gente rasgava uma roupa, ficava um buraco, a gente remendava o buraco, botava um pedaço de pano. Papai rasgava a calça no roçado e botava remendo no buraco.

Pesquisadora: Foi observando essas práticas que você aprendeu?

Marcadora Jandaia: Foi, foi isso mesmo. Hoje não sou mais ninguém para trabalhar em roçado.

Pesquisadora: Não consegue mais, por quê?

Marcadora Jandaia: Por que tem assim tanto tempo que já fui, é muito cansativo, é assim por causa desse sol, e assim a gente que é mulher para trabalhar nesse sol quente, problema assim de saúde, e eu evitei mais de ir para as quinturas.

Apesar de participar muito cedo da vida na roça, a mulher permanece pouco tempo, devido o desgaste físico e os problemas de saúde que adquire. Porém, é comum a conciliação das práticas de cuidado doméstico com as atividades da roça: encoivamento<sup>27</sup>, plantio e colheita. Na época do plantio, período da quadra invernos, as mulheres acordam, por volta das 4:00 da manhã, preparam o café da manhã e o almoço, levantam os filhos para irem à escola, antes de irem a roça com o marido. Permanecem durante toda a manhã, às vezes capinando, arando a terra ou lançando a semente ao chão. Ao meio-dia, retornam com o marido para casa, almoçam e esperam o sol esfriar um pouco para retornar ao campo.

No período do verão, as mulheres se dedicam ao trabalho na cooperativa. Quanto à comercialização dos produtos cultivados, é de atribuição do homem, assim como o cuidado

---

<sup>27</sup> Incluir nota de rodapé: Encoivamento significa a retirada de galhos e troncos finos que não foram eliminados na queimada. Feito isso, se junta tudo e queima novamente. O encoivamento é a última etapa do processo de preparação do solo para o plantio.



com as sementes para a próxima colheita. Percebi que nas práticas, quer de ordem técnica, quer social, desenvolvidas pelos assentados, a relação de gênero está sempre presente, determinando o maior ou menor envolvimento nas tarefas do dia-a-dia, por isso a rotina do homem é diferente da rotina da mulher, como relata o marcador Juazeiro ao ser perguntado sobre sua dinâmica de vida cotidiana:

Marcador Juazeiro: Todo dia de manhã eu tenho a atribuição do dia-a-dia, quando eu amanheço o dia , eu tenho uma vaquinha , tiro o leite, vou lá para a capoeira, às vezes eu vou trabalhar , vou fazer uma coisa aqui ou ali, às vezes vou para Sobral resolver os problemas do assentamento, ir a banco , qualquer tipo de problema, uma reunião. 50 % da minha atividade já são de outros meios de trabalhar para a comunidade (...)

Diferentemente da mulher, o homem no assentamento, além de cuidar da criação de gado, ovelhas e do cultivo, também é responsável pelas questões burocráticas, sociais e políticas que envolvem o andamento do assentamento em parceria com as políticas públicas de reforma agrária, principalmente, se estiver ocupando um cargo de articulador político e/ou de liderança na comunidade.

Portanto, 50% das atividades realizadas diariamente estão voltadas para as questões sócio-políticas que envolvem os assentados entre si e com os gestores das políticas públicas. Dentre essas atividades, a questão do “lixo” é debatida, porém até o momento não obtiveram êxito quanto à coleta seletiva de resíduos e a implantação de um aterro sanitário na região, embora o município seja contemplado com o ICMS ecológico.

No que se refere ao contato com o “lixo”, a marcadora Jandaia, ao lembrar-se de sua infância e das aprendizagens em casa e na roça, relata que “(...) não tinha essa história de lata , garrafa, plástico, não. A água era do pote e o copo era de alumínio e os copos de vidro (...)”, o que revela que a produção do “lixo” industrializado era praticamente inexistente e não aumentava de forma desenfreada no campo; assim como, a possibilidade de “plastificação” da natureza no sertão era bem remota.

Além da industrialização do “lixo” no sertão, observei que algumas práticas sócio-culturais-formativas, particularmente, da lavagem de roupa das mulheres no açude estão acontecendo de forma esporádica e cedendo espaço para as lavagens de roupa individualizada nos tanques de casa.

O assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga conta com dois açudes, sendo um localizado na sede do assentamento, o açude Santarém, e o outro, açude Sara, localizado próximo a Lagoa do Mato. O açude Santarém é o marco geográfico no assentamento que auxilia na divisão e localização territorial das residências. As pessoas que residem na rua da

escola têm como primeira paisagem o açude, portanto, diz-se que moram em frente ao açude e, por tanto, estão no centro da sede do assentamento.

Para os jovens da localidade, em um momento de conversas informais, de descontração e de risos, este bairro é popularmente conhecido, ou melhor, apelidado, como a vila dos “Sem cuecas”. Esta denominação se refere ao hábito dos homens mais velhos do assentamento de não usarem a cueca, principalmente, em tempos muito quente, pois não assimilaram este costume.

Os que residem do outro lado do açude, ou seja, “atrás” do açude, moram no bairro Sumaré, denominação que se refere ao também bairro da cidade de Sobral conhecido pelo poder aquisitivo muito baixo das pessoas e por ser o bairro de grande índice de violência no município. O bairro Sumaré no assentamento é considerado perigoso, pois é uma área distante, com baixa circulação de pessoas e com poucas residências.

Portanto, percebi que o açude, ou melhor, a água é a referência de localização em termos do espaço natural, das residências e enquanto recurso natural indispensável para as atividades da vida diária no âmbito do campo e das residências.

Atualmente, as residências recebem água encanada advinda do açude, porém a água não é tratada. Esta água é utilizada para as atividades diárias domésticas - lavar roupa, banhos e cozinhar- e para a agricultura e pecuária. A água para beber é proveniente das cisternas, presente em todas as residências (foto 29).



**Foto 29. Cisternas**

Toda a água servida do açude é puxada por uma bomba que, de tempos em tempos, danifica-se, o que faz com que as pessoas, principalmente as mulheres, retomem práticas antigas, como a da lavagem das roupas no açude. As roupas são postas próximas ao açude, a uma distância que evita o retorno para o mesmo da água suja com sabão e faz com que o solo absorva. Embora o solo esteja absorvendo a água suja, o prioritário para os assentados é preservar a água disponível no açude.

Para isto, as mulheres carregam a água em baldes e bacias de plástico até o local da lavagem próximo das pedras que auxiliam no processo de limpeza como apoio para esfregar as peças de roupa. Esta atividade é realizada principalmente pelas mulheres e jovens do assentamento, porém a presença de crianças e homens é significativa.

As mulheres e as jovens se encontram logo cedo no açude para a lavagem de roupas. É um momento que não se configura apenas como um trabalho doméstico propriamente dito, é um espaço de encontro, festivo, de algazarra, risos, conversas porém, ao mesmo tempo, estão atentas à lavagem da roupa e ao horário de retorno as residência para almoço, como fala a marcadora Jandaia, após ser interpelada sobre o local onde era lavado as roupas:

Marcadora Jandaia : Onde tem as pedras lá, naquela parte lá, pegava água com balde e trazia e botava nas bacias e lavava. E a gente ainda lava lá quando o motor dá o prego. Às vezes dá o prego e a prefeitura é que conserta, aí daqui que o mecânico venha consertar.

Pesquisadora: Aí é uma festa, várias mulheres. Fala um pouco desse momento, como é lá?

Marcadora Jandaia: Se junta tudinha lá, e carrega água, e uma ajuda a outra, aí ta todo mundo com fome, uma vai ajudar a outra a lavar as roupas pra terminar logo , pra gente almoçar.

Pesquisadora: O que é que geralmente vocês conversam?

Marcadora Jandaia: Coisa mesmo, do dia a dia, da roça, da casa, do trabalho, sobre as castanhas, filhos, marido, novelas (...)

À medida que lavam as roupas, as mulheres conversam diversos assuntos, referentes aos processos de trabalho em geral que desenvolvem no assentamento. Conversam sobre a educação dos filhos, as conquistas, a rotina de vida em casa, as dificuldades com o trabalho, as expectativas futuras, os sonhos, desejos, medos, resistências etc. Enfim, a dinâmica de vida societária do assentamento é revelada neste encontro das mulheres durante a lavagem das roupas ao compartilharem suas dificuldades, soluções e sonhos.

O ato de “lavar roupa suja” não se limita apenas a uma compreensão do ato em si de lavar. Metaforicamente, simbolicamente, as mulheres, naquele momento, lavam a “roupa suja” da vida existencial, enquanto grupo de mulheres, sem função terapêutica intencional, porém com a funcionabilidade de reflexão formativa sobre a vida no aqui-agora.

Por isso, compactuo com as idéias de Araújo (2005, p.67), quando relata que toda e qualquer ação formativa:

(...) enfocada em si mesma é um complexo, no qual podem ser distinguidas duas componentes fundamentais: um elemento espontâneo e outro intencional. O primeiro caracteriza-se pela totalidade das influências do ambiente natural, sobre os componentes pessoais e comunitários de uma determinada sociedade, e supõe uma

assimilação de crenças, costumes, idéias, culturas, condições mesológicas, valores, folclore etc. que constituem o “espaço-tempo nativo”, em que o homem vive aqui e agora. Em tal caso, a abertura do homem para o mundo é preenchida pela educação espontânea e natural. O conjunto desses elementos informalmente organizados constitui o sistema informal de educação de um determinado povo, circunscrito a uma determinada região geográfica. A outra componente da educação é o sistema de ensino escolar.

Assim sendo, o grupo de mulheres do assentamento se configura como um espaço de intercâmbio social, gerido espontaneamente pelas mulheres a partir de um “espaço-tempo nativo” e que constitui, assim como o grupo de mulheres que realizam a atividade de varrição das ruas, um sistema informal de educação sócio-cultural no assentamento.

Além desse sistema informal de educação, os assentados, em parceria com a escola e outras instituições, desenvolvem práticas sócio-ambientais de cunho interventivo pontual, como o mutirão de limpeza nas áreas de preservação ambiental próximas ao assentamento e as visitas domiciliares realizadas pela Agente Comunitária de Saúde (ACS), bem como as reuniões com o INCRA e ACACE.

O mutirão de limpeza é realizado uma vez por ano, antes do inverno. Todos os anos, os assentados programam um dia, juntamente com a direção da escola, para que todos os moradores-crianças, adolescentes, adultos e alguns idosos-participem da limpeza do assentamento e das áreas de preservação ambiental próximas aos riachos e grotas.

Esta limpeza tem uma intenção pré-determinada para os assentados. O motivo maior é evitar que resíduos sólidos fiquem expostos á céu aberto, principalmente, nas áreas de preservação ambiental<sup>28</sup>, como relata a marcadora Carnaúba:

Marcadora Carnaúba: Já teve um mutirão, eu e a comunidade para limpar o ambiente, no final do ano, no começo das chuvas, eu junto com eles (...) nós não temos nenhuma ajuda do poder público, o que pode ser queimado, a gente queima, e o que não pode a gente orienta, principalmente, com os vidros.

Pesquisadora: Então uma vez por ano vocês fazem este mutirão?

Marcadora Carnaúba: É isso que a gente faz, a gente faz, nós mesmos, visitamos os terrenos baldios das áreas de preservação ambiental e junta. Eu e os alunos da escola e a contribuição de cada morador em sua casa, na casa, eu visito, que é o ambiente em que a gente vive e ele precisa cuidar.

A partir de conversas informais, o mutirão de limpeza está diretamente ligado a uma ação preventiva de cuidado com a saúde da comunidade, principalmente pela necessidade

---

<sup>28</sup> Conforme informação obtida pela marcadora Carnaúba, este mutirão foi à forma encontrada pela comunidade para evitar que os resíduos sólidos fiquem presos aos galhos nos riachos e rios próximos ao assentamento. A comunidade chegou a implantar esta medida, pois percebeu que o “lixo” coletado pela Prefeitura na sede do distrito de Aracatiçu era depositado em um terreno baldio distante da cidade, porém em áreas de preservação ambiental. No período da quadra invernososa, os resíduos são arrastados pela água, chegando até as margens de rios e grotas. Por isso, a comunidade se mobiliza através dos mutirões para limpar as áreas próximas ao assentamento, evitando paliativamente o acúmulo de “lixo” às margens dos rios.

imediate de enfrentamento de agravos à saúde como a proliferação do mosquito da dengue. Esta prática programada pela Agente Comunitária de Saúde é uma prática de cunho eminentemente da prevenção primária, porém com a intenção também de conservação do ambiente conforme fala a marcadora:

Marcadora: (....) você vê isso na sede do distrito, quando chega à época do inverno a água escorre e leva o lixo para os riachos que se prendem nos pedaços da árvore e vai se enganchando... Por que é lixo demais, e isso no rio, é constante. Lá tá a garrafa plástico, latas que se acumulam nos rios, que vem dos terrenos baldios, onde foi jogado nos terrenos baldios. E se os moradores não juntam, para onde vai o lixo, para onde a prefeitura leva, porque nós aqui não temos aterro. Eu sou agente de saúde aqui na área do assentamento esperança e faço o trabalho da dengue em Aracatiaçu quando visito as ruas de Aracatiaçu e vejo os terrenos baldios. No caso de Aracatiaçu existem os dias da coleta, mas onde é jogado o lixo, em terreno baldio.

Marcador: Hoje aqui na minha casa e em várias casas que tenho acesso, eu pego a garrafa de vidro ou lata de óleo, cerveja, Nescau, de alguma coisa, eu amasso, furo ela e guardo lá no camburão no final do quintal. Fica cheio, para não jogar no terreno baldio e vou deixando até juntar para não criar o mosquito da dengue (....) Na época dos projetos da escola, do segundo tempo, meu filho é professor, a gente pega as garrafas da merenda e já leva um saco para não deixar exposto, no campo onde eles jogam, para não deixar nas estradas.

Além da intenção de cuidado com o ambiente, a ACS informa que realiza visitas domiciliares para orientar a comunidade quanto ao cuidado com os resíduos sólidos principalmente vidros, garrafas e latas, para evitar que os resíduos se tornem criadouros das larvas do mosquito da dengue.

Embora as ações de mutirão e visita domiciliar estejam ligadas, a princípio, às ações de combate a proliferação do mosquito da dengue, percebi que a escola, através de seus projetos, está engajada nessas ações. Entretanto, nas práticas ditas do sistema informal de educação no assentamento, não existe menção alguma dos moradores e da própria escola sobre a articulação entre os sistemas de educação formal e o informal.

A falta dessa informação, a meu ver, configura-se como uma espécie de negação por parte do sistema formal de ensino acerca desses outros espaços formativos e constitutivos do ser humano. Ao se dissociarem os sistemas de ensino, concomitantemente, dissocia-se o humano de sua natureza sócio-histórica, descontextualizando-o do seu aqui-agora.

Esta leitura de ser humano dissociado da sua realidade, de sua história, de seus afetos, de suas crenças e de suas práxis sociais não permite uma compreensão crítica da realidade social no qual as pessoas se inserem.

Para a vertente crítica da Educação Ambiental, na visão de Loureiro (2006), todo e qualquer fazer educativo que se diz crítico e emancipatório deve perceber que a articulação

entre os aspectos naturais, econômicos, políticos, simbólicos e ideológicos compõe o arcabouço para se compreender o humano, pautado em uma ética que valoriza a vida, a natureza e o ser, enquanto ser de interações.

## CONCLUSÃO

Ao “reciclar” o conhecimento das interações humano-“lixo” neste trabalho dissertativo, fica claro que a intenção primeira da pesquisadora foi a de olhar um contexto microsocial, como o assentamento Boa esperança-Lagoa da Manga, interligando as dimensões internas e externas ao lugar-comunidade, com o intuito de compreender os aspectos históricos, afetivos, sócio-culturais e formativos que estão imbricados nas práticas cotidianas de cuidado que os assentados estabelecem com o espaço público e o “lixo”.

A partir da observação *in loco*, da escuta do “outro”, da descrição dos costumes e, ao mesmo tempo, da interpretação dos múltiplos aspectos envolvidos nas práticas com o “lixo”, chegou-se a uma visão de que os assentados consideram apenas a sujeira (fezes e restos de comida) como “lixo”, diferentemente da conceituação de “lixo” para o âmbito acadêmico.

Entretanto, mesmo tendo essa compreensão, os assentados não destinam essa sujeira para as lixeiras. As fezes e restos de comida são reaproveitados, respectivamente, para adubo da terra e complementação alimentar dos animais domésticos. Esta é a matriz representacional sócio-cultural que organiza e influencia as práticas cotidianas dos assentados quanto ao próprio “lixo” produzido.

Embora os demais componentes do “lixo” industrial estejam presentes no *menu* do “lixo” dos assentados, percebi que os sacos, sacolas, papel, garrafas PET e vidros que não são servíveis no momento, ou são acondicionados na despensa para utilização futura, ou reutilizados nas atividades cotidianas do campo, como a guarda e comercialização de sementes na garrafa PET, a queima de sacos e papel no fogão à lenha, o uso de latas para colher o leite da vaca.

Apesar de ser um “lixo” industrializado, as atitudes frente a ele é semelhante às atitudes utilizadas com as fezes e restos de comida, ou seja, prioriza-se o reaproveitamento sempre que possível. Percebi que existe nessas atitudes uma integração entre práticas cotidianas do passado, heranças culturais decorrentes de saberes tradicionais, com as do “lixo” no presente.

O ato de integrar, conciliando passado e presente, não é percebido apenas nas atitudes frente ao “lixo”. Na arquitetura local do assentamento é visível tal integração como a manutenção do mata-burro, das casas antigas, a construção de novas casas e o reordenamento

do espaço físico da escola onde antes funcionava a sede da Fazenda EMASA. As expressões de afetividade pelo lugar, como na expressão “umbigo enterrado aqui” que remete a uma prática das pessoas do campo de demonstrarem que, mesmo após o nascimento, elas não estão dissociados da terra no presente, o que se configura como também expressão viril do sentimento de pertencimento ao lugar onde se vive e se convive com as pessoas.

O sentir-se pertencente e integrado está diretamente relacionado com o ato de cuidar. Cuidar das pessoas e do lugar onde se vive. Ter amor pelas pessoas e pela terra. Esses “ingredientes” afetivos compõem, juntamente com os hábitos e costumes tradicionais dos assentados frente ao “lixo”, um cuidado ambiental autêntico. Cuidado este que se reflete nas práticas de varrição do domicílio, que se estende ao terreiro e que vai a rua, como a atividade de varrição dos espaços públicos pelas mulheres assentadas. É como uma ampliação da morada que se estende para o ambiente de todas as pessoas.

Assim sendo, esses elementos—valorização das lutas e conquistas de um povo, o sentir-se de “umbigo enterrado a terra” e as características tradicionais e geracionais de aproveitamento dos resíduos sólidos nas práticas do cotidiano – compõem os “ingredientes” que favorecem os saberes e as práticas sócio-ambiental-formativas no assentamento Boa Esperança-Lago da Manga, constituindo-se como contributos indispensáveis para a efetivação, no futuro, de uma práxis educativa ambiental, condizente com o cotidiano das interações humanas.

Além disso, as mulheres se revelam como a força produtiva no assentamento, desde o lar até as ruas. São também as gestoras do “lixo” no domicílio, as protagonistas dos processos de cuidado ambiental, as propagadoras e mantenedoras das atitudes sócio-culturais-formativas, principalmente junto às meninas, quer na lavagem das roupas quer na varrição das ruas.

Nestes momentos de encontro no açude ou nas ruas, a mulher desenvolve um espaço de convivência efetiva e afetivamente constituído, contextualizado e integrado as dimensões sócio-culturais—formativas, compondo um sistema de ensino informal, para o qual tanto a escola como o Estado se mantêm alheios.

Apesar destes resultados alcançados com o estudo, que apontam tantas conquistas ambientais e saberes valiosos, também foi possível vislumbrar uma triste situação. A cuia ou cabaça, a sacola de palha de carnaúba, os retalhos, os animais, principalmente o jumento, símbolo de resistência no sertão, são aos poucos esquecidos ou substituídos por instrumentos



modernos, ou melhor, industrializados, o que afeta consideravelmente o aumento na produção do “lixo”, e, ao serem lançados na natureza, não são biodegradáveis e interferem nos ciclos de vida de plantas e animais.

Quanto aos sistemas informais de ensino, as mulheres estão se afastando das atividades de varrição e de lavagem das roupas no açude, haja vista que o tempo disponível para a varrição foi diminuído e substituído pelo trabalho na cooperativa, até porque ganharam um tanque para lavarem roupas sozinhas em casa.

Essas mudanças nas rotinas de trabalho da mulher, em longo prazo, reduzem as atividades culturais e sociais que organizam e reorganizam os modos de ser e estar do assentado e do assentamento, descaracterizando-o e tornando-o um mero espaço reprodutor de práticas colonializantes, típicas do sistema capitalista.

Aos jovens, parece que a situação complica mais ainda. Estão freqüentando assiduamente a escola e o trabalho na cooperativa. Não atuam tão diretamente na roça e em outras práticas dos sistemas informais de ensino, como era comum no passado. Sentem-se desvalorizados e desestimulados com as práticas sociais que lidam com a terra, valorizando o trabalho mecanicista da cooperativa.

Enfim, percebi que com este estudo que é possível subsidiar as práticas educativas, pedagógicas, técnicas e as práticas identificadas com o contexto ambiental, de modo especial quanto a questão dos resíduos sólidos, quanto à formação humana e sócio-política das pessoas que vivem no assentamento Boa Esperança-Lagoa da Manga. Por isso há a pretensão de se ampliar este estudo no doutorado com o intuito de viabilizar uma proposta pedagógica em Educação Ambiental que auxiliem os assentados quanto às suas reflexões acerca das atitudes e práticas sociais atuais que beneficiam ou não a relação assentado-“lixo”-ambiente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, F.S. de. Educação informal nos sertões cearenses. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al* (orgs.) **História da Educação**-Instituições, protagonistas e práticas. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multireferencial (plural) das situações educativas e formativas-In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.). **Multireferencialidade na ciência e na educação**. São Carlos: UFSCAR, 1998.

AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Relações de saber, poder e prazer: educação popular e formação de educador@s**. Florianópolis: CEPEC, 2002

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, 2002, 148p.

BRANCO, S. Murgel. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 1990.

BARBOSA, Marcos Antônio Pinheiro. **Tratamento do Lixo: Preservação do Meio Ambiente**. Fortaleza: SEMACE, 1994.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.). **Multireferencialidade na ciência e na educação**. São Carlos: UFSCAR, 1998

BARCELOS, Valdo; SCHLICHTING, Homero. O amor como fundamento da Aprendizagem Humana em Humberto Maturana- Uma contribuição à Educação Ambiental. IN: BARCELOS, V.; BAGGIO, André. **Educação Ambiental e complexidade: entre pensamentos e ações**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. 185p.

BOMFIM, Zulmira Àurea; ALMEIDA, Sandra. Representação Social: Conceituação, Dimensões e Funções. In: **Revista de Psicologia**, v.9, jan/dez. 1991/1992, p.75-89.

\_\_\_\_\_, Z. A. Afetividade e Ambiente Urbano: Uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. IN: (ORGS) PINHEIRO, J. Q. & GUNTHER, H. **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CORRALIZA, J. A. Emocyon y ambiente. IN: ARAGONES, J.I. & AMÉRICO, M. **Psicologia Ambiental**. Madrid, Ediciones Pirâmide, S.A., 1998.

CAVALCANTE, Sylvia; LANZ, Hêlsa e FARIAS, Adriana Melo de. Lixo no lixo: Estudo dos determinantes da Relação Homem-Lixo. (Pesquisa). In: **IV Encontro de Iniciação à Pesquisa da UNIFOR**. Fortaleza: UNIFOR, 1998, v.04, p.150-150.

DIAS, S. M. **Construindo a cidadania**: Avanços e limites do Projeto de Coleta seletiva em parceria com a ASMARE. Belo Horizonte: Departamento de Geografia da UFMG, 2002 (Dissertação de Mestrado).

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, 150p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 213p

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Gylberto. **Casa Grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50ªed. (revista). São Paulo: Global, 2005.

FIGUEIREDO, João B. A. **Educação Ambiental Dialógica e Representações Sociais da Água em Cultura Sertaneja Nordestina**: uma contribuição à consciência ambiental em Irauçuba-CE (Brasil). 2003. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas-Ecologia-Educação Ambiental) – Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, SP, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Tao Ecocêntrico**: em busca de uma práxis ecológica. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará -UECE. 1999, 175p.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental Dialógica**: as contribuições de Paulo Freire e da cultura sertaneja nordestina. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2007. (Coleção Diálogos Intempestivos, 43).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo, Guanabara Koogan, 1978.

GÓIS, César Wagner. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1993.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. 7ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 377p.

GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E.P. & GUEDES, M.C. **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: EDUC, 2004.

IBGE, **Resultado da Amostra do Censo Demográfico 2000**-Malha Municipal digital do Brasil: situação em 2001.

KUHNEN, Ariane. **Reciclando o cotidiano**: Representações Sociais do Lixo. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÈ, Marly. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986, 98p.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2006, 150p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Jader F. & DIMENSTEIN, Magda. Subjetividade em movimento: o MST no Rio Grande do Norte. In: **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre. Vol.18, nº 01, jan/abril,2006.

LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. 1ª. ed. Buenos Aires,: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO, 2005.

\_\_\_\_\_. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. 1ª. ed. Buenos Aires,: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais – CLACSO, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e Violência: A questão política no campo**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996, 182p.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA (MST). 25 anos do Movimento Sem -Terra. **Fonte:www.mst.org.br**. Acesso: 25 de novembro de 2009.

MICHAELIS, **Dicionário Escolar de Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008. 950p.

MORAIS, Antônio Carlos Robert. A questão do sujeito na produção do espaço. In: **Ideologias Geográficas**. São Paulo: HUCITEC,1998. p.15-26.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. In: **Estudos de Psicologia** (Universidade René Descartes-ParisV),3(1),1998,p.121-130.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar,1978.

MATURANA, R. Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. José Fernandes C. Forte. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. O conceito de representações sociais dentro da Sociologia Clássica. IN: **Textos em Representações Sociais**. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Editora:Vozes,2008,p.89-111.

MARTINS, Antônio Brito. Aracatiaçu- Evolução Histórica e seus costumes. **Monografia** – Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – Sobral- Ceará. Agosto: 1996. 45p.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y Modernidad y Racionalidad. **Revista Perú Indígena**. vol. 13, No. 29, Lima, Perú, 1991, p.11-20.

ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: Troca e Alteridade. In: **Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos**.Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO,2002.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental?** São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 2004.59p.

SOARES, Neusa Eiras. **O conceito de representação social em Durkheim, Weber, Marx, Bourdieu e Moscovici**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Instituto de Psicologia-UFRJ: Imago (CNPq), vol.47, nº 3, 1995.p.113-118.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1



**Lixo lançado às margens da rodovia CE-55 que liga Forquilha à Santa Quitéria**



**Lixo lançado às margens da rodovia CE-55 que liga Forquilha à Santa Quitéria. Na margem esquerda, ao fundo, comunidade de Campos Belo, pertencente ao município de Forquilha**

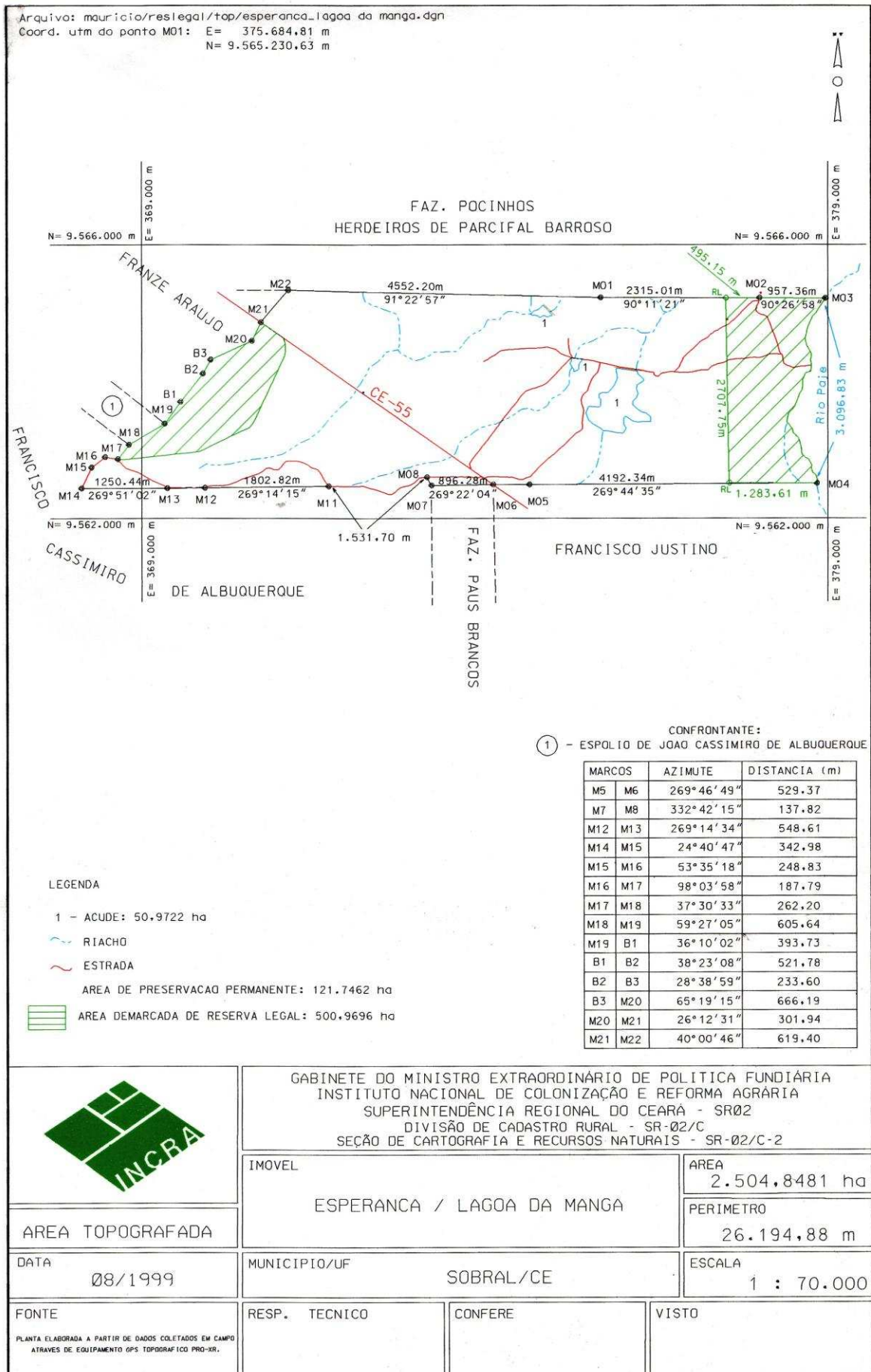


**Lixo lançado às margens da rodovia CE-55**



**Curral próximo às margens da CE-55. Gado comendo capim próximo a sacos plásticos e garrafas PET.**

ANEXO 2



## **APÊNDICES**



## APÊNDICE 1

### ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Este roteiro de observação está baseado nas experiências de trabalhos de campo de alguns autores, como Bogdan & Biklen (1994), que orientam a necessidade de envolver tanto uma dimensão descritiva quanto reflexiva nas observações dos participantes da pesquisa, do lugar-comunidade (assentamento) e das práticas quanto ao “lixo”. Todas as observações, percepções, dúvidas, impressões, opiniões e “insights” foram registrados no Diário de Campo.

1. Descrição Reflexiva dos moradores
2. Descrição Reflexiva de locais e espaços públicos e institucionais na localidade
3. Descrição Reflexiva de eventos especiais.
4. Descrição Reflexiva das Atividades, dos papéis e das práticas individuais e coletivas, dos hábitos /costumes quanto a organização social , às práticas sócio-educativas, ao lixo, ao ambiente e a relação homem-ambiente.

## APÊNDICE 2

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

As entrevistas foram realizadas sempre num formato de conversas, presenciais e documentadas em áudio e registros no diário de campo. O roteiro abaixo foi utilizado como base para as entrevistas com os marcadores do discurso do lugar. Antes da realização das entrevistas foi solicitada ao entrevistado a assinatura do termo de livre consentimento, caso aceitasse participar da pesquisa.

1. Identificação (nome, idade, naturalidade, escolaridade, atividade que desempenha, procedência, tempo que reside no assentamento)
2. Histórico do Assentamento e análise da atuação pessoal, privilegiando a dimensão interna, externa e a relação interna e externa.

Principais quesitos de investigação: (como começou? Por quê? De onde surgiu o movimento que culminou no assentamento? Quem foram os envolvidos? Quais as lutas iniciais? Quais as dificuldades? Quais as estratégias envolvidas de luta política? Quais as conquistas? Qual a percepção sobre o espaço físico, as pessoas que moram no lugar? Quais os projetos e programas que são desenvolvidos no lugar –comunidade? Quais os sentimentos, hábitos e costumes quanto à preservação do ambiente no assentamento? Como as lideranças desenvolvem as ações ou não de preservação do ambiente? Qual o papel da escola de educação infantil no assentamento com as questões ambientais? Qual a relação dos moradores com os projetos desenvolvidos no assentamento e na escola ? E com o poder público local? O que é lixo para ele? E para a comunidade , na opinião dele? O que se pode fazer com o lixo? Quem do domicílio é responsável na prática pelo acondicionamento , disposição do lixo? Quantas vezes por dia , por semana , o lixo é jogado fora? Qual o destino final do lixo? O que se joga com frequência no lixo? Como se comportam os moradores frente ao lixo produzido em casa e o descarte dos mesmos? E os comportamentos e práticas nos espaços públicos em relação ao lixo ?

3. Caracterização do lugar – comunidade: (Quantas famílias residem no assentamento? Como são as casas? De onde vem a água? Como é feita a limpeza no assentamento? Quem cuida dos espaços públicos? Quem limpa estes espaços? Existe coleta de lixo? Qual a frequência? Qual o destino dado ao lixo? Quais as atividades econômicas desenvolvidas no local? Quais as atividades de lazer , sociais e culturais do assentamento? Quais as dificuldades enfrentadas atualmente e , principalmente, as potencialidades do assentamento?

## APÊNDICE 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA  
PESQUISA: O COTIDIANO DAS INTERAÇÕES HUMANO/ “LIXO” NO  
ASSENTAMENTO BOA ESPERANÇA/LAGOA DA MANGA EM  
ARACATIAÇU/SOBRAL/CEARÁ  
Mestranda: Adriana Melo de Farias  
Orientador: Prof. Dr. João B. Albuquerque Figueiredo

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, através deste termo de consentimento, concordo em participar do estudo, autorizando a gravação das entrevistas, sabendo que a mim são garantidos os direitos de anonimato e de me retirar da pesquisa a qualquer momento. Além disso, autorizo que os resultados do estudo sejam apresentados e publicados.

**Data:**

\_\_\_\_\_  
**Assinatura**